



**INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
CAMPUS BLUMENAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

CAROLINA FONTOURA CARTANA

**PREVALÊNCIA DE MENINOS E MENINAS NOS CURSOS DO ENSINO MÉDIO
INTEGRADO DO IFC: UMA PÁGINA DE INTERNET PARA REFLETIR SOBRE
OS IMPACTOS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO**

Blumenau/SC
outubro 2020

CAROLINA FONTOURA CARTANA

**PREVALÊNCIA DE MENINOS E MENINAS NOS CURSOS DO ENSINO MÉDIO
INTEGRADO DO IFC: UMA PÁGINA DE INTERNET PARA REFLETIR SOBRE
OS IMPACTOS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo *campus* Blumenau do Instituto Federal Catarinense, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Luis de Cesaro.

Blumenau/SC
outubro 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática do ICMC/USP, cedido ao IFC e
adaptado pela CTI - Araquari e pelas bibliotecas do Campus de Araquari e Concórdia.

C322p Cartana, Carolina Fontoura
Prevalência de meninos e meninas nos cursos do
ensino médio integrado do IFC: uma página de internet
para refletir sobre a os impactos da divisão sexual
do trabalho / Carolina Fontoura Cartana; orientador
Humberto Luis de Cesaro. -- Blumenau, 2020.
100 p.

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal
Catarinense, campus Blumenau, Mestrado Profissional
em Educação Profissional e Tecnológica, Blumenau, 2020.

Inclui referências.

1. Divisão sexual do trabalho. 2. Ensino Médio
Integrado. 3. Gênero. 4. Prevalência. I. Cesaro,
Humberto Luis de . II. Instituto Federal Catarinense.
Mestrado Profissional em Educação Profissional e
Tecnológica. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
BLUMENAU - C.C. P.G. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 22484/2020 - CCPGEPT (11.01.18.63)

Nº do Protocolo: 23348.006729/2020-16

Blumenau-SC, 19 de novembro de 2020.

CAROLINA FONTOURA CARTANA

PREVALÊNCIA DE MENINOS E MENINAS NOS

CURSOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFC: UMA PÁGINA DE INTERNET PARA
REFLETIR SOBRE OS IMPACTOS DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Catarinense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 13 de novembro de 2020

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Humberto Luiz de Cesaro

Instituto Federal Catarinense

Orientador

Profª. Drª. Clarice Monteiro Escott

Instituto Federal de Rio Grande do Sul

Profª Drª. Rosana da Silva Cuba

Instituto Federal Catarinense

(Assinado digitalmente em 20/11/2020 11:59)

HUMBERTO LUIS DE CESARO
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
CCTST/LUZ (11.01.11.01.03.08)
Matricula: 2140325

(Assinado digitalmente em 19/11/2020 11:56)

ROSANA DA SILVA CUBA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
CGE/SBS (11.01.14.33)
Matricula: 2141586

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sig.ifc.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 22484, ano: 2020, tipo: DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS, data de emissão: 19/11/2020 e o código de verificação: ff0c0cea7e



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
BLUMENAU - C.C. P.G. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 22485/2020 - CCPGEPT (11.01.18.63)

Nº do Protocolo: 23348.006731/2020-95

Blumenau-SC, 19 de novembro de 2020.

CAROLINA FONTOURA CARTANA

A ESCOLHA DE MARIANA

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Catarinense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 13 de novembro de 2020

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Humberto Luiz de Cesaro

Instituto Federal Catarinense

Orientador

Prof^a. Dr^a. Clarice Monteiro Escott

Instituto Federal de Rio Grande do Sul

Prof^a Dr^a. Rosana da Silva Cuba

Instituto Federal Catarinense

(Assinado digitalmente em 20/11/2020 11:59)

HUMBERTO LUIS DE CESARO
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
CCTST/LUZ (11.01.11.01.03.08)
Matricula: 2140325

(Assinado digitalmente em 19/11/2020 11:56)

ROSANA DA SILVA CUBA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
CGE/SBS (11.01.14.33)
Matricula: 2141586

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sig.ifc.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 22485, ano: 2020, tipo: DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS, data de emissão: 19/11/2020 e o código de verificação: c098d29174

Dedico às mulheres da minha família de origem, que me mostraram que o lugar da mulher é de cuidado e sensibilidade tanto quanto é de luta e força, e às minhas filhas, que me ensinam a ver as mulheres como portadoras de possibilidades infinitas.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas tornaram este momento possível. Agradeço a todos que estiveram ao meu lado e contribuíram nesta etapa, direta ou indiretamente. Em especial à minha família pela inspiração, apoio e paciência.

Ao meu companheiro de vida, Mateus, que me deu todo o suporte que estava ao seu alcance no cuidado da minha saúde mental, ajudando a manter o prumo. Obrigada por aceitar trabalhar como desenvolvedor *web* no projeto do produto educacional.

Às nossas tão esperadas filhas: Ana Paula, Julia e Juliana, que chegaram durante o mestrado, tumultuando os planos e melhorando os nossos dias, com muita vida e amor. À sua maneira, compreenderam minhas faltas e me levaram a me empenhar, procurando ser um exemplo.

À minha mãe, por mostrar que é possível e pelas inúmeras ajudas com o trabalho.

Ao meu pai e meus irmãos Marcos, Taís e Ana Luíza, para quem pude correr quando precisava conversar ou quando precisava de uma boa risada.

Ao meu orientador, Humberto, pela parceria, por acreditar na minha capacidade, e por valorizar a liberdade e autonomia.

Às pessoas queridas que gentilmente dispuseram do seu tempo para ler o trabalho: Jackeline, Nayara, Gui, Lara, Ana Luíza, mãe e Mateus. Obrigada pela leitura atenta e valiosos apontamentos.

À equipe do Núcleo Bilíngue do IFC por topar traduzir para Libras o produto educacional e à Luana Tillmann pelos auxílios com a audiodescrição das imagens e orientações para que o produto fosse mais inclusivo.

À Tharso Duarte pelo trabalho primoroso de ilustração, dando vida à Mariana com sensibilidade e compromisso.

Aos colegas da Coordenação de Políticas e Programas Estudantis, da Pró-reitoria de Ensino do IFC, por compreenderem e valorizarem o momento de formação e permitirem que eu pudesse adequar a jornada de trabalho para realizar o mestrado.

Aos colegas de turma do ProfEPT pelo aprendizado e pelas trocas de experiências.

RESUMO

A pesquisa trata da prevalência de meninos e meninas em cursos do ensino médio integrado, como um reflexo da divisão sexual do trabalho. A divisão sexual do trabalho caracteriza-se por designar os homens à esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva (Hirata; Kergoat, 2007), separando e hierarquizando tipos de trabalho de acordo com o gênero. A relação entre ela e a educação é pouco explorada, raramente se tratando do nível médio. Historicamente o ensino de nível médio no Brasil foi marcado pela dualidade estrutural, com a existência de duas trajetórias educacionais diferenciadas: uma formação geral, intelectual, que possibilita a preparação para a continuidade de estudos no ensino superior (voltado às elites), e uma formação de cunho técnico e operacional, que prepara o para o trabalho (voltado à classe trabalhadora). Ainda que se busque a superação desta dualidade, no sentido de uma educação integral, é necessário atentar para a manutenção de opressões, sendo crucial questionar-se sobre os lugares atribuídos a homens e mulheres também na formação profissional de nível médio. A pesquisa teve como objetivo compreender como se manifesta a divisão sexual do trabalho na percepção dos servidores envolvidos no ensino e no atendimento aos estudantes do IFC e quais as possibilidades de problematização e conscientização dos servidores em relação ao tema. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com docentes e profissionais técnico-administrativos do atendimento ao estudante de cursos com expressiva maioria masculina ou feminina entre os discentes. Para análise das entrevistas o método utilizado foi o de análise do conteúdo, de Bardin (1977). De forma geral o conteúdo das entrevistas foi de contraposição a qualquer tratamento desigual baseado gênero dos estudantes. Ainda assim, são perceptíveis estereótipos a respeito das características de meninos e meninas. Sabendo da potencialidade da instituição em promover questionamentos de estigmas limitantes na mesma medida em que podem reforçá-los, é apresentado o produto educacional “A escolha de Mariana”. Trata-se de uma página de internet, em formato *storytelling*. A aplicação do produto foi adaptada ao contexto da pandemia de Covid-19. O produto foi aplicado junto aos Núcleos de Gênero e Sexualidade do IFC. A aplicação do produto demonstrou o atendimento aos objetivos propostos, uma vez que causou a reflexão sobre o tema entre os leitores. Salvas as considerações de melhoria, às quais procuraram ser atendidas na medida do possível, entende-se que o produto teve boa receptividade. Os comentários e observações indicam que há necessidade de formação e discussão sobre questões de gênero na instituição. A pesquisa foi realizada com a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IFC.

Palavras-Chave: Divisão sexual do trabalho. Prevalência. Ensino Médio Integrado. Gênero.

PREVALENCE OF BOYS AND GIRLS IN THE IFC INTEGRATED HIGH SCHOOL COURSES: A WEB PAGE TO REFLECT ON THE IMPACTS OF THE SEXUAL DIVISION OF LABOR

ABSTRACT

This research analyzes the prevalence of boys and girls in integrated high school courses, as a reflection of the sexual division of labor. The sexual division of labor is characterized by designating men to the productive sphere and women to the reproductive sphere, segregating and hierarchizing types of work according to gender. The relationship between the sexual division of labor and education is little explored, and rarely when it comes to high school education. Historically, high school education in Brazil has been marked by structural duality, with the existence of two differentiated educational trajectories: a general, intellectual education, which enables the preparation for the continuity of studies in higher education (aimed at the elites); and a technical and operational training, which prepares for work (focused on the working class). Although we seek to overcome this duality, in the sense of an integral education, it is necessary we to be attentive to the maintenance of oppression, being important the questioning about the environments attributed to men and women also in the professional training at high school. The research aimed to understand how the sexual division of labor is manifested in the perception of the employees involved in teaching and serving the students of the Instituto Federal Catarinense (IFC) and what are the possibilities of problematization and awareness of them in relation to the theme. Semi-structured interviews were conducted with teachers and technical-administrative professionals of the attendance of students of courses with a significant male or female majority of students. For the analysis of the interviews, the method used was the content analysis, by Bardin (1977). In general, the content of the interviews was of opposition to any unequal treatment based on the gender of the students, however, stereotypes about the characteristics of boys and girls are noticeable. Knowing the potential of the institution in promoting questioning of limiting stigmas, to the same extent that they can reinforce them, the educational product "A escolha de Mariana" ("The choice of Mariana") is presented. The product is a storytelling on the web page and its application occurred with the Gender and Sexuality Centers of IFC, having been adapted to the context of the Covid-19 pandemic. The application of the product demonstrated the fulfillment of the proposed objectives, since it caused reflection on the theme among readers. Except for the requests of improvement, which were attended as far as possible, it is understood that the product had good receptivity. Comments and observations indicate that there is a need for training and discussion on gender issues at the institution. The research was carried out with the authorization of the IFC Human Research Ethics Committee.

Keywords: Sexual division of labor. Prevalence. Integrated High School. Gender.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFC – Instituto Federal Catarinense

Neges – Núcleos de Estudos de Gênero e Sexualidade

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1 INTRODUÇÃO	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
3 METODOLOGIA	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	29
4.1 Análise das entrevistas	29
4.2 Análise da aplicação do produto	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL	46
APÊNDICE B – QUADROS DE LEVANTAMENTO DOS CURSOS COM MAIOR PREVALÊNCIA MASCULINA E FEMININA NA INSTITUIÇÃO	79
APÊNDICE C – ROTEIRO UTILIZADO PARA AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	81
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA ENTREVISTAS)	82
APÊNDICE E – BRIEFING PARA PRODUÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES DA PÁGINA	84
APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL)	86
APÊNDICE G – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL	87
APÊNDICE H – PROPOSTA DE ADEQUAÇÃO QUANTO AO PÚBLICO DA PÁGINA A ESCOLHA DE MARIANA	89
APÊNDICE I – PROPOSTA DE ADEQUAÇÃO QUANTO À POSSÍVEL NATURALIZAÇÃO DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA PÁGINA	92
ANEXO A – PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM - ILUSTRADOR THARSO DUARTE	93
ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	97

APRESENTAÇÃO

Este texto resulta do projeto de pesquisa “Cursos para homens e cursos para mulheres: a divisão sexual do trabalho e a educação profissional de nível médio” realizado como atividade do programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), polo IFC, na linha de pesquisa “Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT)”, sob orientação do Prof. Humberto Luis de Cesaro.

A definição do tema de pesquisa exige notar em si mesmo o que causa curiosidade suficiente para mobilizar um estudo sistemático e intenso. No caso do ProfEPT essa exigência é acrescida da necessidade de articular o tema com a Educação Profissional e Tecnológica como plano de fundo. De antemão, já havia percebido que gostaria de estudar algo relativo à gênero, pois estar no mundo como mulher proporciona uma vasta experiência de inquietações sem resposta.

Uma das primeiras de que tenho memória, ainda da adolescência, relaciona-se às profissões exercidas por mulheres e homens, a partir do ambiente familiar e comunitário: “por que há trabalhos ‘para homens’ e trabalhos ‘para mulheres?’” Ela corresponde a uma parte essencial desta pesquisa: a divisão sexual do trabalho.

Interessei-me em saber como essa divisão reflete nos cursos de ensino médio integrado do IFC. Particularmente, busquei compreender a percepção dos servidores (docentes e técnicos) sobre o tema, já que são as pessoas que recebem os estudantes na instituição e podem reforçar ou não os estereótipos que conformam esta divisão.

Quanto às bases teóricas para a pesquisa, destaco a importância das discussões provindas da disciplina de Bases Conceituais para Educação Profissional e Tecnológica, cursada logo ao início do processo formativo do mestrado. Dentre diferentes leituras, foram abordados os regimes de acumulação do capitalismo, as relações entre educação e trabalho, e conceitos como escola unitária, politecnia e formação integral. Assim, obtivemos acesso aos fundamentos necessários para pesquisar variados temas em diálogo com a EPT. Considero da maior relevância sobretudo a ideia de uma formação integral como horizonte, no que é tangível nos limites do sistema capitalista, buscando superar a histórica dualidade estrutural presente no ensino médio. A busca por essa formação, nos Institutos Federais, dá-se pela opção pelo ensino médio integrado, que, para Araújo

e Frigotto (2015), “é um projeto que traz um conteúdo político-pedagógico engajado, comprometido com ações formativas integradoras, em oposição às práticas fragmentadoras do saber” (ARAUJO; FRIGOTTO, 2015, p. 251).

Em relação às referências que tratam do tema da divisão sexual do trabalho, relacionando-a com a educação, a procura foi mais trabalhosa, visto que, embora haja produções que abordam esta relação, elas se concentram nos cursos de ensino superior, indicando carência de estudos no âmbito da EPT. Dentre as referências principais abordadas neste artigo, estão Helena Hirata e Danièle Kergoat, no que conceituam a divisão sexual do trabalho. Também são tratadas produções específicas sobre cursos excessivamente masculinos ou femininos, além de outras autoras que tratam dos demais temas de interesse da pesquisa.

Para conhecer o que pensam os servidores do IFC sobre o assunto, foram realizadas entrevistas com docentes e pessoas da equipe técnica de quatro *campi* com cursos de características extremas nas proporções de gênero. As entrevistas foram realizadas presencialmente e geraram, mediante o método de análise de conteúdo, de Bardin (1977), algumas discussões interessantes. Dentre elas, comento neste artigo: os diferentes motivos apontados para a grande proporção de estudantes do mesmo gênero nos cursos, sobretudo os ligados à processos históricos, culturais e sociais, que associam determinadas áreas às mulheres ou aos homens; a relação entre as meninas e a área de exatas, vista como um desestímulo para o ingresso em determinados cursos; e características atribuídas à meninos e meninas pelos entrevistados, que demonstra ainda a presença de estigmas e ideias dicotômicas.

O produto educacional apresentado pode ser classificado como uma mídia educacional do tipo “página da internet”. Ele objetiva dispor, ao leitor, de informações sobre o tema, além de provocar a problematização e conscientização sobre o papel da instituição no processo. O produto traz a história de uma adolescente que se encontra diante da tarefa de fazer sua opção pelo curso de ensino médio integrado no Instituto Federal.

Para atender ao proposto neste trabalho, o texto está dividido em cinco partes. Na introdução justifico a realização da pesquisa, defino o problema e aponto os objetivos (geral e específicos). No “referencial teórico” apresento as produções encontradas sobre o assunto da pesquisa e trato dos conceitos principais que dão sustentação ao desenvolvimento dela. Na metodologia explico os procedimentos

utilizados para a realização das entrevistas, a elaboração do produto educacional e sua aplicação. Na seção “resultados e discussões” abordo as análises das entrevistas e da aplicação do produto. Os resultados incluem a interlocução com alguns estudos, além de apontamentos dos usuários do produto educacional. Nas considerações finais retomo algumas das principais indicações e argumentos abordados e assinalo se foram alcançados os objetivos propostos.

1 INTRODUÇÃO

Embora os espaços conquistados pelas mulheres no mundo do trabalho produzam cada vez mais um equilíbrio na proporção de gênero em diferentes profissões, ainda se evidenciam, no ensino médio integrado da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, diferenças significativas nas proporções de matrículas entre meninos e meninas em determinados cursos. Na Plataforma Nilo Peçanha (Brasil, 2020) é possível encontrar dados de cursos em que a ocupação masculina é intensa (como o Técnico em Mecânica, com 71% de matrículas do sexo masculino, em toda a Rede) e alguns cursos com extrema ocupação feminina (como o Técnico em Alimentos, com 70% de matrículas do sexo feminino).

Tal situação é também observada no IFC, onde existem curso em que estas proporções chegam a mais de 80% (vide Apêndice B, com os dados de 2018 do IFC). Assim, compreender o que pensam os servidores do IFC sobre o tema importa pois as concepções que têm impactam diretamente no seu trabalho, o que pode levar a uma naturalização dessa divisão que é desvantajosa, sobretudo, aos estudantes.

Os estudantes não representam um grupo homogêneo. Condições sociais específicas influenciam a forma como serão inseridos no mundo do trabalho, sendo o gênero uma destas condições. No caso das meninas, não é necessário que estejam formadas ou já exerçam trabalho assalariado para vivenciarem a divisão sexual do trabalho, já que desde a infância são ensinadas a participarem do trabalho doméstico, desenvolvendo habilidades relativas ao cuidado, organização, limpeza e administração do lar.

Mas não é somente no seio da família e nos espaços de aprendizagens informais que se reforçam ou se questionam os padrões de comportamento socialmente esperados de cada gênero. O mesmo ocorre também na instituição escolar, já que ela não é uma redoma isolada das relações que atravessam a sociedade. Pelo contrário, a escola potencialmente é um agente de conservação, de reprodução mecânica da divisão sexual do trabalho, tanto quanto de questionamento e mudanças. Como Stancki, entendo que

A manutenção da divisão sexual do trabalho, envolve vários aspectos como as relações de poder ou questões econômicas, sociais e culturais. A educação, enquanto um processo de socialização dos indivíduos, constitui-

se num processo que pode contribuir na reprodução dessa divisão.
(STANCKI, 2003, p. 6)

A partir daí o problema de pesquisa foi se evidenciando: O que pensam os servidores do IFC sobre a prevalência de meninos e meninas nos cursos de ensino médio integrado e como podemos intervir para instigá-los a conhecer e questionarem-se sobre o tema?

No Brasil (IBGE, 2018) a taxa de frequência escolar no ensino médio em 2016 indicava que 73,5% das mulheres estavam no nível de ensino adequado à faixa etária, enquanto para os homens essa taxa era de 63,2%. Os dados são compatíveis com os trabalhos que apontam o aumento do acesso feminino ao sistema de ensino, particularmente no ensino superior. Mas, ao verificar-se o rendimento médio mensal, descobre-se que as mulheres recebem 76% dos salários dos homens. É mais aguda ainda a diferença quando se trata do salário de homens e mulheres com ensino superior completo ou mais: as mulheres receberam 63,4% do salário deles, em 2016 (IBGE, 2018).

Embora haja maioria feminina na educação brasileira, as referências consultadas apontam que se mantém a sub-representação feminina em cursos considerados masculinos, mesmo que esta representação venha aumentando paulatinamente. Já o contrário já não se confirma: cursos associados ao universo feminino não registram considerável aumento da presença de homens. Estes dados referem-se à formação em nível superior, mostrando a necessidade de averiguações no âmbito do ensino médio. Aqui me refiro não somente ao levantamento de dados quantitativos, como também a investigação de como a escola tem lidado com a questão e se tem contribuído para a permanência dessas diferenciações.

Os Institutos Federais representam um imenso avanço no tocante à busca pela formação integral. No entanto, o aspecto do gênero na formação profissional ainda é naturalizado no nosso dia a dia e bastante periférico nas discussões. A divisão sexual do trabalho, contudo, representa uma face importante da nossa organização social, uma vez que às mulheres é atribuído o papel de cuidadoras e responsáveis pela “reprodução social” (Bhattacharya, 2019), de modo que compreender como se dá esta divisão vai para além dos limites das instituições de educação formal.

Entretanto, nas nossas possibilidades de atuação enquanto instituição é

necessário identificar as maneiras como estas questões são abordadas na formação profissional para saber como intervir. Uma das preocupações que surgiram durante o estudo foi a constatação, a partir da leitura dos artigos correlatos, de atitudes preconceituosas ou reforços de estereótipos, provenientes de docentes e colegas, especialmente nos casos de cursos superiores majoritariamente masculinos. Por exemplo, em um artigo que tratava de estudantes mulheres em um curso de computação, foram obtidos relatos como: “um professor falava que mulher não tem capacidade de fazer esse curso”, ou “professores machistas diziam que as meninas não iriam para frente no curso” (AMARAL, 2017, p. 867). Em outro artigo, em que o objetivo era de escutar os estudantes sobre as relações de gênero, um estudante de engenharia abertamente afirmava: “Elas têm que fazer um curso que fique melhor para elas, não dá para fazer o que dá na telha”. (MORAES; CRUZ, 2018, p. 586)

Levando o que foi exposto em consideração, a pesquisa teve como objetivo geral: “Compreender como se manifesta a divisão sexual do trabalho na percepção dos servidores envolvidos nos cursos de ensino médio integrado do IFC e quais as possibilidades de problematização e conscientização dos servidores em relação ao tema”. Como objetivos específicos, elencou-se:

- Identificar como manifesta-se a divisão sexual do trabalho na percepção dos servidores que atuam no ensino e no atendimento aos estudantes dos cursos com maioria feminina e masculina no IFC;
- Conhecer como a instituição lida com os impactos da divisão sexual do trabalho nos cursos de maioria feminina e masculina no IFC;
- Identificar se nos *campi* estudados a instituição favorece a legitimação da divisão sexual do trabalho ou contribui para sua alteração;
- Propor material de divulgação, problematização e conscientização quanto às relações entre divisão sexual do trabalho e educação profissional e tecnológica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para compor o referencial deste estudo, busquei por produções dos últimos dez anos que combinassem o tema da divisão sexual do trabalho com aspectos educacionais, inicialmente procurando as que se referissem à educação profissional e tecnológica e o ensino médio integrado. Mas a busca mostrou-se infrutífera. Ampliei então o escopo da busca, incluindo a combinação termos mais abrangentes como “educação”, “ensino”, “gênero”, “trabalho”, “cursos”, “feminino/mulheres” e “masculino/homens”. Com o levantamento de artigos ficou evidente que, embora o tema da divisão sexual do trabalho tenha produções e discussões relevantes, a relação entre ela e o âmbito educacional é menos explorada, raramente se tratando do nível médio.

Ainda assim, foi possível, com um esforço de garimpar os estudos pertinentes, acessar materiais que auxiliassem a compreensão da ocupação de vagas em cursos de forma desigual entre os gêneros. Tratarei de conceitos fundamentais que suportam a discussão sobre divisão sexual do trabalho e o ensino médio integrado, em separado. Em seguida abordarei as produções abordam as proporções desiguais de matrículas, embora, neste caso, os materiais encontrados tenham ficado restritos aos cursos de ensino superior.

Dentre as autoras mais citadas nos artigos estão Helena Hirata e Danièle Kergoat. Elas têm extensa produção tratando da divisão sexual do trabalho e são importantes para compreender mais sobre o tema. Em texto conjunto de 2007 afirmam que a divisão sexual do trabalho se caracteriza por designar prioritariamente “os homens à esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva” e, ao mesmo tempo, apontam a “apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.)”. (HIRATA; KERGOAT, 2007). Elas ressaltam ainda dois princípios que perpassam a divisão sexual do trabalho nas suas diversas manifestações ao longo do tempo e do espaço. Trata-se do princípio da separação (“existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres”) e do princípio hierárquico (“um trabalho de homem ‘vale’ mais que um trabalho de mulher” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 599).

As discussões sobre a divisão sexual do trabalho são relativamente recentes, de modo que a diferenciação esteve por muito tempo ancorada em ideias biologizantes de homens e mulheres. Os questionamentos, pelo movimento

feminista, quanto ao que era considerado “trabalho” tiveram, nesse sentido, um importante papel. Na década de 1970, as mulheres passaram a questionar o trabalho doméstico, rejeitar a “enorme massa de trabalho efetuada gratuitamente” e denunciar que esse “trabalho é invisível, que é realizado não para elas mesmas, mas para outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever materno” (HIRATA; KERGOAT, 2007, p. 597).

Assim surgiram análises que viam as atividades domésticas como trabalho tanto quanto o trabalho assalariado, produtivo, e assentaram as bases que permitiram pensar em termos de divisão sexual do trabalho: foi na década de 1980 que a reprodução histórica das relações entre os sexos se tornou finalmente um objeto sociológico, resultando no entendimento de “relações sociais de sexo” em lugar de categorias de diferenciação “natural” (MAIA, 2016, p. 225).

É importante destacar a consolidação do conceito de gênero, também impulsionada pela efervescência do movimento feminista. Segundo Jesus e Barbosa (2016), a discussão sobre gênero “responde a necessidade de diferenciar sexo biológico de sua tradicional divisão de papéis na sociedade” (JESUS; BARBOSA, 2016, p. 139).

Quirino (2018) explica que o conceito de “gênero” surgiu no final da década de 1970, com pesquisadoras anglo-saxãs, e foi usado como distintivo de *sex*, para dar ênfase ao caráter social das diferenciações de sexo.

Para Joan Scott a definição de gênero apresenta duas proposições centrais: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995, p. 86).

Assim, tomar o gênero como perspectiva significa analisar as discriminações vividas pelas mulheres para além de supostas características naturais, e situá-las no terreno das “relações sociais entre os sexos construídas ao longo da história”, o que posiciona o gênero como, além de uma ferramenta analítica, uma ferramenta política. (QUIRINO, 2018, p.231)

Para Biroli (2018, p. 44) a divisão sexual do trabalho “é produtora de gênero, ainda que não o seja isoladamente”. Segundo ela é necessário também considerar outras relações que atravessam a realidade social. Esta autora assume perspectiva interseccional, considerando as relações de gênero, classe e raça.

O modo como classe, gênero e raça se relacionam é um tema recorrente nos

escritos sobre divisão sexual do trabalho. Dando ênfase em uma ou outra direção e utilizando nomenclaturas diversas, as autoras com que tive contato neste estudo frisam que estas dimensões são intrínsecas. Há convergência na ideia de que, analisadas isoladamente, estas relações não explicam totalmente os fenômenos.

Para Crenshaw a interseccionalidade é uma construção teórica a partir da metáfora de intersecção de vias de circulação, correspondentes aos eixos de subordinação (raça, gênero, origem, etc.). Os sistemas discriminatórios geram desigualdades que estruturam as posições relativas dos indivíduos (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Em texto de 2014 Hirata indica semelhanças e diferenças entre a interseccionalidade de Crenshaw e a consubstancialidade (elaborada por Danièle Kergoat). Segundo ela, a ênfase da conceitualização de Crenshaw é “intersecção entre sexo e raça, enquanto a de Kergoat é aquela entre sexo e classe, o que fatalmente terá implicações teóricas e políticas com diferenças bastante significativas”. Entretanto, ambas convergem na “não hierarquização das formas de opressão” (Hirata, 2014, p. 63).

De qualquer maneira, para compreender como a divisão sexual do trabalho impacta na proporção de matrículas em cursos de formação profissional, é importante pontuar alguns outros conceitos. Tratarei a seguir de discussões norteadoras acerca do ensino médio integrado nos Institutos Federais.

Primeiramente, é interessante pontuar o entendimento de “trabalho”, de modo distinto do seu uso cotidiano, relacionado ao emprego assalariado. Compreende-se trabalho de modo mais amplo, como ação humana sobre a natureza. Para Saviani, “a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que homem é, é-o pelo trabalho” (SAVIANI, 2007, p. 154). Uma vez que uma pessoa nasce sem informações e habilidades inatas que lhe orientem como fazer as transformações necessárias na natureza, ela apropria-se do conhecimento já disponível, previamente desenvolvido ou descoberto por seus antecessores. Ou seja, ela precisará ser ensinada.

Este ensino dá-se informalmente, nas próprias relações cotidianas, como também por meio da educação formal e escolar. Tratando-se especificamente da educação formal, no que interessa ao escopo deste trabalho, convém ressaltar que, historicamente a educação de nível médio no Brasil foi marcada pela dualidade estrutural. Ela corresponde à existência de trajetórias educacionais diferenciadas,

conforme a divisão social do trabalho, em dois ramos distintos: uma formação geral, intelectual, que possibilita a preparação para a continuidade de estudos no ensino superior (voltado às elites), e outro de cunho técnico e operacional, que prepara o para o trabalho (voltado à classe trabalhadora).

O ensino médio corresponde ao nível de ensino que representa a maior expressão da dualidade estrutural: nele se evidencia a contradição fundamental entre capital e trabalho, “expressa no falso dilema de sua identidade: destina-se à formação propedêutica ou à preparação para o trabalho?” (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2010, p.31).

Neste sentido, a implementação da Rede Federal marca um passo importante. Com a obrigatoriedade de garantir ao menos 50% das vagas para o ensino médio integrado (Brasil, 2008), propõe-se a ultrapassar, no que é possível dentro dos limites do capitalismo, a “histórica dualidade e fragmentação dos saberes no ensino profissional” (PADOIN; AMORIM, 2016, p. 2). O ensino médio integrado não corresponde à mera sobreposição das disciplinas do ensino médio regular com as disciplinas técnicas. Para Araújo e Frigotto (2015)

o ensino integrado é uma proposição pedagógica que se compromete com a utopia de uma formação inteira, que não se satisfaz com a socialização de fragmentos da cultura sistematizada e que compreende como direito de todos ao acesso a um processo formativo, inclusive escolar, que promova o desenvolvimento de suas amplas faculdades físicas e intelectuais. p. 6

Milhões de jovens brasileiros precisam inserir-se no mundo do trabalho precocemente. Não é por isso que devem ter uma formação aligeirada e estritamente técnica. Pelo contrário, o ensino médio integrado deve possibilitar a integridade da formação humana (Araújo e Frigotto, 2015).

Como plano de fundo para a implementação do ensino médio integrado, há um intenso debate acerca das concepções de educação unitária, tecnológica, omnilateral ou politécnica. Como explicam Moura, Lima Filho e Silva (2015), entre os pesquisadores marxistas do campo ‘trabalho e educação’ não há uma convergência com relação ao uso do termo politecnicia. Estes autores apontam que Marx, apesar de não tratar diretamente do tema, sustentava que a educação da classe trabalhadora deveria conter: educação intelectual, física e instrução tecnológica. Segundo ele essa ideia foi “incorporada à tradição marxiana sob a denominação de politecnicia ou educação politécnica, em virtude das próprias referências do autor ao termo, assim como de grande parte dos estudiosos de sua

obra" (MOURA, LIMA FILHO; SILVA, 2015, p.1060). Pode-se entender, como indica Ramos (2010), a politecnia como ideário que “busca romper com a dicotomia entre educação básica e técnica, resgatando o princípio da formação humana em sua totalidade”. A politecnia supõe, assim, um ensino que integre “ciência e cultura, humanismo e tecnologia, visando ao desenvolvimento de todas as potencialidades humanas” (RAMOS, 2010, p. 36).

Mas uma educação realmente politécnica não é possível dentro dos limites do capitalismo contemporâneo. Uma formação deste tipo não será possível sem que se rompa a roda voraz de valorização do capital. Por isso, para Moura, Lima Filho e Silva (2015), é necessário aproveitar-se das contradições do sistema capital para plantar as sementes da formação humana verdadeiramente integral e politécnica, baseando-se no trabalho como princípio educativo (MOURA; LIMA FILHO; SILVA, 2015, p. 1070).

Para conhecer de que maneiras a educação formal é impactada pelas necessidades do capital, convém atentar para as mudanças do seu modo de acumulação. Hoje o que se vê, na roupagem atual do capitalismo - com o regime de acumulação flexível e retração do estado (no tocante às garantias sociais) - é que as estratégias para a extração da mais-valia tornam-se ainda mais agressivas contra os trabalhadores. A qualificação, que antes era quase uma promessa de boa colocação no mundo de trabalho, não mais representa garantia alguma, somente, quando muito, um diferencial. A educação passa a ser dirigida para a noção de empregabilidade, de forma que próprio indivíduo é responsabilizado pelo eventual fracasso.

Antunes (2009) traz no livro *Os sentidos do trabalho*, apontamentos cruciais para compreender o trabalho feminino dentro da lógica do sistema capitalista. As mulheres encontram-se mais vulneráveis ao ingressar no mercado de trabalho, especialmente considerando que muitas estão sujeitas a trabalhos precarizados, de tempo parcial, e sem regulamentação.

Aponta o autor que o trabalho feminino vem aumentando em diversos países, mas que este aumento não é acompanhado da proporcional valorização salarial (Antunes, 2009). As mulheres são vistas como “ágeis, habilidosas e cuidadosas por natureza”, e por isso constituem mão de obra barata para o capital (JESUS; BARBOSA, 2016, p. 140).

Quanto às produções sobre a formação profissional considerando a divisão

sexual do trabalho, alguns artigos, sobretudo ligados ao ensino superior, ofereceram importantes subsídios para a pesquisa.

Um exemplo são as conclusões de Moraes e Cruz (2018) ao ouvir e analisar o que estudantes tinham a dizer sobre as relações de gênero em um curso de engenharia (território masculino) em uma universidade comunitária: “O espaço acadêmico perpetua, de muitas formas, as desigualdades e fortalece a divisão sexual do trabalho” (MORAES; CRUZ, 2016, p. 589). São transcritas partes das entrevistas como insinuações de que engenharia não é um curso para mulheres, ou que elas não saberiam liderar, compreender bem os cálculos ou ter boa noção espacial. Por si só isso já seria muito preocupante, mas o que considerei mais lamentável no artigo foi a descrição da atuação de alguns professores, contribuindo para o ambiente discriminatório e fazendo piadas sexistas.

O estudo de Amaral (2017) também traz informações semelhantes, ao abordar questões de gênero entre estudantes em um curso de Sistemas de Informação. Explica a autora que a baixa participação de mulheres na ciência foi atribuída, por muito tempo, às diferenças naturais entre homens e mulheres. Seu estudo mostra que as estudantes enfrentam situações de discriminação. Elas sinalizaram que tais atitudes partiram do corpo docente masculino e de profissionais de recrutamento.

A mesma área do conhecimento é abordada por Lima (2013) no estudo que procurou captar a percepção de professores e professoras sobre a participação de mulheres no campo da computação. A autora afirma que “há formas sutis de discriminação e segregação das mulheres na área, exigindo delas esforço adicional para terem o mesmo reconhecimento que os homens” (LIMA, 2013, p. 793).

A leitura de algumas destas produções causou inquietação, por imaginar que, por analogia, seria muito provável que situações de discriminação ou aprofundamento de estereótipos como as descritas ocorressem nos cursos de ensino médio integrado no IFC. Sendo este o caso, assume-se uma postura que reforça a divisão sexual do trabalho e reproduz sua lógica, ao invés de aproveitar o potencial de debate e crítica. Na opinião de Stancki (2003)

A escola poderia ser um espaço que contribui para essa mudança, no entanto, essa instituição parece que mais ajuda na manutenção e legitimação da divisão sexual do trabalho do que na sua subversão, pois ao mesmo tempo que prepara profissionais para atividades "masculinas" e "femininas", também reproduz ações e discursos que naturalizam essa divisão (STANCKI, 2003, p. 10)

Diante do que foi abordado neste tópico, evidencia-se que aos educadores comprometidos com a ideia de uma sociedade mais igualitária é necessário questionar-se sobre os lugares atribuídos a homens e mulheres nessa sociedade, assim como às pessoas negras, pessoas não-heteronormativas, transgêneros, pessoas com deficiência, dentre outros segmentos da população que Antunes (2009) chama de “classe-que-vive-do-trabalho”. É importante observar que, mesmo rompendo com a lógica de exploração econômica entre as classes, corremos ainda o risco de manter as características apontadas por Hirata e Kergoat (2007) para a divisão sexual do trabalho: homens e mulheres com funções separadas e hierarquicamente ordenadas.

3 METODOLOGIA

Classifico a pesquisa como qualitativa, já que procura analisar a realidade considerando a compreensão dos sujeitos envolvidos nela. Além disso, não se tratou de uma investigação centrada em dados numéricos e estatísticos, ainda que eventualmente tenham sido utilizados. Além de qualitativa, a pesquisa foi também descritiva. Segundo Gil (2008), as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28).

Para atender ao objetivo proposto, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com profissionais envolvidos nos cursos de ensino médio integrado do IFC com maior proporção de matrículas de meninos e meninas. Foram entrevistados técnicos dos setores de atendimento ao estudante e docentes que atuam na coordenação dos cursos.

Para Triviños (2015), a entrevista semiestruturada corresponde àquela que, partindo de questionamentos apoiados em hipóteses, “oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS, 2015, p. 146).

Para definir onde realizar as entrevistas, verifiquei os *campi* do IFC que apresentassem ao menos um curso com predominância feminina, e um curso com predominância masculina. Ou seja, foi feita a opção por investigar o que pensam os servidores dos *campi* em que há simultaneamente os dois extremos. O critério quantitativo para esta definição espelhou-se em trabalho de Mena-Chalco e Rocha (2014), que utilizou o parâmetro de 70% para identificar se uma área é predominantemente masculina ou feminina, a fim de caracterizar, estatisticamente, o banco de teses e dissertações da CAPES. Assim, foram selecionados quatro *campi* que apresentaram, segundo os dados da Plataforma Nilo Peçanha referentes ao ano de 2018, cursos com mais de 70% de estudantes do mesmo sexo¹. A partir deste critério, os *campi* em que foram realizadas entrevistas foram:

1) Concórdia, que possui o curso Técnico em Alimentos, com 72,16% de estudantes do sexo feminino, e 27,84% do sexo masculino; enquanto o curso Técnico em

¹Utilizo aqui a terminologia da Plataforma Nilo Peçanha, limitada ao “sexo”. Não há dados sobre a identidade de gênero dos estudantes.

Informática para internet possui 16,67% de matrículas de estudantes do sexo feminino e 83,33% do sexo masculino.

2) Ibirama, que tem o curso Técnico em Vestuário, com 88,73% de público feminino e 11,27% de público masculino; e o curso Técnico em Informática, com 28,1% de estudantes do sexo feminino, e 71,9% do sexo masculino.

3) Luzerna, que tem o curso Técnico em Segurança do Trabalho, com 78,72% de estudantes do sexo feminino e 21,28% do sexo masculino; e o curso Técnico em Automação Industrial, com 28,87% de estudantes do sexo feminino e 71,13% do sexo masculino.

4) São Bento do Sul, que tem o curso Técnico em Segurança do trabalho com 81,48% de matrículas do sexo feminino e 18,52% do sexo masculino; e o curso Técnico em Automação Industrial, com 20,78% das matrículas do sexo feminino, e 79,22% do sexo masculino.

Outros *campi* do IFC também apresentam diferenças significativas, como Camboriú, com o curso de Técnico em informática com 79,71% de estudantes do sexo masculino, e São Francisco do Sul, com o curso Técnico em Automação Industrial, que tem 79,55% de público masculino (Apêndice B). Estes foram descartados por considerar que são mais expressivos os casos em que há, no mesmo *campus*, ao menos dois cursos com proporções discrepantes quanto ao gênero.

A pergunta que norteou as entrevistas foi referente aos motivos atribuídos para a proporção de gênero acentuada nos cursos dos *campi*. A partir daí a conversa corria, procurando abordar todos os demais pontos estruturados previamente (roteiro no Apêndice C). Houve também a inclusão de novas perguntas conforme o desenrolar da conversa e o acúmulo dos pontos discutidos em entrevistas anteriores.

Para realizar a pesquisa foi solicitada a anuência da Direção-Geral de cada um dos *campi*. Foram realizadas ao todo 13 entrevistas, com nove docentes e quatro técnico-administrativos. As entrevistas foram realizadas presencialmente, registradas com gravador de som (após a anuência de cada entrevistado), com exceção de uma que foi realizada via telefone, também gravada em arquivo de som. Elas foram transcritas e organizadas em arquivos digitais.

Foi obtida a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos antes de dar início ao levantamento dos dados. Os Termos de Consentimento Livre

e Esclarecido (Apêndice D) de cada participante foram assinados e arquivados. Todos os nomes foram substituídos por pseudônimos para preservar o anonimato dos entrevistados.

Para análise das entrevistas foi utilizado o método de análise de conteúdo de Bardin (1977). O método de análise de conteúdo adequa-se ao estudo das “motivações, atitudes, valores, crenças, tendências” (BARDIN, 1977, p. 106). A autora entende a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter (por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens) indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (Bardin, 1977, p.42).

Após a exploração inicial do material, foram elencadas diversas categorias temáticas para análise. Utilizou-se tabela eletrônica para sistematização das recorrências de posicionamentos, auxiliando a categorização. O processo de categorização consiste em classificar e organizar elementos em categorias, e é importante para a atividade científica. “A categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 1977, p. 119).

Em seguida, finalizou-se a elaboração do produto educacional, exigência do ProfEPT para conclusão do curso. O produto educacional proposto (Apêndice A) é uma página de internet em formato *storytelling* abordando o tema da divisão sexual do trabalho refletida nos cursos de nível médio integrado. *Storytelling* é uma categoria de *website* que procura passar a ideia de uma “história coerente e unificada”, em uma linguagem clara e informal, ao usuário (TEIXEIRA, 2017). Em geral, apresenta o conteúdo com rolagem longa, concentrando tudo o que o usuário precisa saber sobre o assunto. Para elaborar uma página deste tipo, procura-se responder à seguinte questão: “Como eu explicaria a um amigo, numa conversa ou por e-mail, essa coisa/assunto/produto/história que estou querendo comunicar?” (TEIXEIRA, 2017).

A elaboração da página teve por objetivo contribuir para que aspectos ligados ao tema da divisão sexual do trabalho sejam reconhecidos na instituição, e instigar quanto à necessidade de lidar com o tema de uma forma diferenciada. O produto conta a história de uma adolescente que precisa escolher o curso para inscrever-se no processo seletivo do Instituto Federal. Intercaladas à história, são apresentadas

discussões relacionadas ao tema. Com o conteúdo do produto em mãos, busquei um ilustrador que pudesse conceber visualmente a personagem (parte do processo criativo do ilustrador Tharso Duarte está no Anexo A). A montagem da página ficou a cargo do desenvolvedor *web* Mateus Ávila. Também contei com a parceria do Núcleo Bilíngue do IFC, a fim de tornar o material acessível aos surdos, bem como a consultoria de Luana Tillmann para adequação aos aplicativos leitores de tela e orientações sobre audiodescrição.

A ideia era, inicialmente, aplicar o produto apresentando-o em um dos quatro *campi* de maior diferença entre matrículas femininas e masculinas, citados anteriormente, atingindo os servidores docentes e técnicos diretamente envolvidos com a temática e que, talvez, não se dessem conta do que ela implica no seu cotidiano de trabalho. Entretanto, as condições objetivas com a pandemia de Covid-19 não permitiram a execução do planejado. Assim, optou-se por fazer a aplicação do produto com membros dos Núcleos de Estudos de Gênero e Sexualidade (Neges) do IFC via e-mail. Tais núcleos tratam da temática de gênero e sexualidade na instituição e visam, dentre outros objetivos, desenvolver ações que promovam o combate ao preconceito.

O produto foi enviado por e-mail a 111 pessoas nos dias 31 de agosto e 01 de setembro, juntamente com formulário *online* com perguntas sobre seu conteúdo. O formulário permaneceu aberto até o dia 18 de setembro. O formato do formulário enquadra-o na categoria de escala de tipo Likert. Segundo Dalmoro e Vieira (2013), escalas com cinco pontos (cinco opções para o respondente selecionar aquela que melhor expressa sua opinião) mostram-se mais precisas do que as de três pontos, que são adequadas em caso de ser necessária maior velocidade na resposta. Foi solicitado ao usuário que, após a navegação, respondesse ao formulário (Apêndice G), atribuindo nota de 1 a 5, em que 1 significava 'não atingiu o objetivo em nenhum grau' e 5 significava que 'atingiu completamente o objetivo'.

Cada participante tinha que registrar no formulário a concordância em participar da pesquisa e obteve informações relevantes sobre ela a partir dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice F). Responderam ao formulário de avaliação 22 pessoas, sendo 13 docentes, 08 técnicos e 01 egressa. O formulário era anônimo, ou seja, não solicitava dados como nome e e-mail.

Os resultados e discussões a partir das entrevistas realizadas e as avaliações do produto educacional podem ser vistos na seção 4.2 deste trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Análise das entrevistas

As entrevistas realizadas na pesquisa deram subsídios para algumas decisões tomadas no percurso, além de ilustrarem a necessidade de intervenção entre os servidores do IFC quanto ao tema explorado. Elas geraram diversas análises e permitiram, como almejado, conhecer um pouco do que pensam alguns servidores do IFC sobre a prevalência de meninos ou meninas nos cursos. Aqui abordarei três das categorias temáticas utilizadas, por entender que já dão um bom panorama das discussões: (1) os motivos apontados para a grande proporção de estudantes do mesmo gênero nos cursos; (2) a relação entre as meninas e a área de exatas e (3) características atribuídas à meninos e meninas pelos entrevistados.

Não se pode dizer que a escolha do curso seja livre de influências externas. Seja no nível médio ou no superior, é uma ação que resulta de diferentes fatores. Para Casagrande e Souza (2016) é possível abordar o tema de uma perspectiva psicanalítica, na medida que a profissão escolhida fará parte da identidade do sujeito e é afetada seus traços de personalidade; como também de uma perspectiva sócio-histórica, uma vez que não existe “um sujeito isolado, imune ao seu entorno e às condições socialmente dadas” (CASAGRANDE; SOUZA, 2016, p. 827).

Esta ideia repercutiu nas entrevistas, em especial quando abordaram as motivações para a proporção acentuada de meninos e meninas nos cursos. Discutirei aqui as mais recorrentes ou significativas delas.

Um número considerável de entrevistados (sete de treze) atribuiu a prevalência de meninos ou meninas nos cursos a causas mais abrangentes, ou seja, aquelas de cunho social, histórico e cultural. Em geral, declararam que tais ideias fixam, tradicionalmente, que determinada área é uma “coisa de menino”, ou “coisa de menina”: “Eu acho que é um fato histórico. Tá, primeiramente é um fato histórico. De que [o curso] é realmente coisa de menino” (Pedro - coordenador de curso).

Foi destacado também por quatro entrevistados o papel do meio familiar e comunitário, por meio da orientação direta dos pais ou pela influência de modelos profissionais familiares, considerando a atividade econômica da região.

Tem a ver com a região, tem a ver com essa ideologia talvez assim de que

é algo mais masculino (...) Por exemplo, aqui na região tem muita indústria [do ramo]. (Bianca - coordenadora de curso)

A família e, de forma mais ampliada, a socialização dos estudantes, também no ambiente escolar, merece especial atenção, já que cumpre um importante papel no ensinamento das relações de poder entre homens e mulheres (LUZ; GITAHY, 2016, p. 79).

Outra questão apontada nas entrevistas refere-se ao desconhecimento dos estudantes sobre os cursos disponíveis. Em oito entrevistas foi descrita a falta de clareza ou equívoco sobre o que trata o curso e até mesmo a escolha baseando-se apenas no nome do curso. Isso sugere que seria benéfico um reforço na divulgação dos cursos antes do ingresso na instituição.

Um aspecto observado por cinco entrevistados é a noção de que as mulheres não se identificam com determinados cursos por serem muito difíceis, ou por haver muitos componentes curriculares ligados às ciências exatas.

Envolve também questões muito de cálculo, matemática, então, nessa área elas não são... Né, as meninas do ensino fundamental ao vir pra cá não são tão encorajadas a escolherem [o curso]. (Débora - coordenadora de curso)

Em artigo que analisa a presença de mulheres na área de ciência da computação, Lima (2013) assinala que as mulheres podem promover um afastamento voluntário ao fazerem a escolha do curso superior, o que define como “autodiscriminação”.

Ver a área de exatas como um desestímulo para a participação de meninas foi algo que apareceu em diferentes momentos das conversas. Faz certo sentido que esse tema tenha sido recorrente, visto que há uma coincidência entre os cursos com prevalência masculina e o pensamento lógico-matemático. Aparentemente, isso intimida ou desinteressa as meninas. A disciplina de programação, por exemplo, foi citada como um entrave aos estudantes. Entretanto, nas próprias entrevistas, relatou-se que representa dificuldades para todos alunos, não apenas as meninas.

Em uma entrevista foi possível perceber certa normalidade em relação ao distanciamento das meninas dos cursos ligados ao pensamento lógico-matemático:

Elas conseguem resolver os problemas também, porque tem essa questão da gente dizer que a menina ela não é tão... ela não faz tanto [o curso] por causa da questão do raciocínio lógico, de ter que parar pra pensar e tal... (Lucas - coordenador de curso)

Em direção diversa, outro entrevistado observou esta questão como algo

negativo, expressando sua contrariedade:

É uma pena, é uma pena. (...) Essa ideia de achar que mulher não serve para matemática... (Tiago - coordenador de curso)

São notadas diferenças nos cursos, e as entrevistas demonstram a tendência de confirmar características correlatas nos estudantes matriculados. Causa-me certa preocupação a possibilidade de que essa percepção possa resultar na ideia de que estudantes que não se inscrevem para determinado curso, o fazem em decorrência de não ter as habilidades necessárias.

As características atribuídas à meninos e meninas não foram diretamente sondadas na entrevista, mas manifestaram-se espontaneamente e foram percebidas no processo de análise. Comentou-se sobre a maneira de se portar dos estudantes, a sua relação com o estudo e a convivência com os colegas, considerando o gênero.

Particularidades representativas de cada gênero interessam sobremaneira às discussões sobre a divisão sexual do trabalho, dado que, como explicam Luz e Gitahy (2016), continuam existindo percepções que associam

determinadas atividades profissionais com supostos atributos femininos (maior habilidade para o cuidado ou paciência) ou masculinos (força física ou objetividade), que justificariam a separação sexual do trabalho, a partir da crença de que homens e mulheres teriam naturalmente capacidades distintas. (LUZ; GITAHY, 2016, p. 56)

Uma característica apontada em seis entrevistas é a percepção de “emotividade” nas meninas. Comentaram sobre como as alunas são sensíveis, choram, sofrem por amor, se desentendem e se cobram. Quanto aos meninos, em geral os comentários foram no sentido da ausência de características semelhantes.

quando eles chegam aqui eles apresentam muito nervosismo. Nossa, demais. E parece que quem mais sofre são elas (...) Mais eu acho que é cobrança delas mesmas. (...) Aí com os alunos, com os meninos, acontece pouco esse comportamento. (Pedro - coordenador de curso)

Brigam. Por causa de namorado. De menino. Porque “ah, você ficou com o guri que eu queria”, elas não vão em cima do cara, elas vão em cima delas. Ah, ficam chorando pelos cantos... (Sabrina - atendimento ao estudante)

Nota-se que as meninas são descritas como intensas e seus sentimentos não são ocultos. Muito pelo contrário, irrompem no espaço escolar e demandam de docentes e do corpo técnico certa energia para administrá-los. Em algumas entrevistas esta circunstância é relatada como algo inconveniente ou trabalhoso.

Eu tenho o terceiro ano também que vai formar esse ano bem complicado. De briga entre meninas. (...) Eu acho que é mais questão mesmo de relacionamento, né, e de mulher. (Alice - atendimento ao estudante)

Mas esse ano as meninas do primeiro ano tão assim que meu Deus, não dá pra aguentar. As outras não, são mais tranquilas, mas as do primeiro, meu Deus do céu. (Sabrina - atendimento ao estudante)

Uma coordenadora mostrou-se insatisfeita com os estereótipos e relatou que faz o que pode para evitá-los. Contou como age nos momentos em que orienta as alunas em suas demandas emocionais, a fim de reduzir o estigma:

Eu não fico tratando que nem criança, (...) frágil. Não são frágeis coisa nenhuma. Não existe isso. (risos) (...) As meninas não são uma máquina quebrada, uma máquina para pifar a qualquer momento. (...) elas são muito criativas, elas são muito espertas, são críticas, sabe. (...) Então às vezes elas por falarem a mais.. “Tá reclamando, só pode ser mulher, só pode ser mulher”. Eu fico p... Aí eu defendo. Eu defendo, mas ao mesmo tempo tento fazer elas amadurecerem. (Gabriela - coordenadora de curso)

Este relato mostra o desejo de se desvencilhar de ideias preconcebidas sobre como são as mulheres. Fica evidente na fala da coordenadora do curso a sua percepção do ambiente escolar como produtor de um estigma sobre as meninas que as coloca em uma posição de fragilidade, não correspondente à realidade.

Em sentido inverso à ideia dicotômica e limitante de “mulher emotiva”, e “homem racional”, um entrevistado de um *campus* com moradia estudantil relatou sobre as dificuldades de adaptação dos meninos quando chegam à instituição. Contou que, apesar do trabalho de acolhimento realizado, os rapazes encontram dificuldades e sentem mais a separação da família e a nova rotina:

Os piá eles choram mais. É, eles sentem mais assim a saída, o desligamento familiar, sabe assim? Eles tem um sofrer maior que as meninas. (Antônio - atendimento ao estudante)

A situação de estar na moradia estudantil representa uma mudança brusca. Mas, para as meninas, tende a não ser uma novidade serem responsáveis pela organização e limpeza dos espaços. Isto porque o trabalho de reprodução social (as atividades necessárias à recomposição da força de trabalho: a manutenção da casa, o trabalho de limpeza, a produção de alimentos, os cuidados com os vulneráveis), são socialmente atribuídos às mulheres.

Para Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019) a reprodução social corresponde a uma ampla gama de atividades. Associada ao “trabalho de produção de pessoas”, a reprodução social “não apenas cria e mantém a vida no sentido biológico, ela também cria e mantém nossa capacidade de trabalhar” (ARRUZZA;

BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 52). O capitalismo remodela a opressão às mulheres, e atribui a reprodução social um valor inferior.

Outra característica abordada nas entrevistas diz respeito à dedicação das meninas às atividades acadêmicas. Nove dos treze entrevistados falaram sobre a autocobrança das alunas em relação ao desempenho escolar e sobre seu esforço em diversas atividades.

Ela leva mais a sério uma prova. Leva mais a sério um trabalho. Elas se unem mais, e tal, pra fazer as coisas acontecerem. (...) Mas é a mínima coisa, tipo se as meninas são 8, numa escala de zero a dez, os piá mais ou menos um 7. (Antônio - atendimento ao estudante)

Não sei se elas trabalham mais pra também não ter esse tipo de comparação, né. (Débora - coordenadora de curso)

A ocupação feminina de espaços presumidamente masculinos pode requerer um significativo esforço feminino. Neste sentido, Lima (2013), comenta sobre a percepção de que a mulher precisa de um esforço adicional para provar que tem a mesma competência que os seus pares masculinos, algo que “não é igualmente cobrado dos homens.” (LIMA, 2013, p. 810).

Quanto ao objetivo deste estudo de verificar como a instituição lida com os impactos da divisão sexual do trabalho nas matrículas do ensino médio integrado, não observei nenhuma ação específica. Foi possível perceber nas entrevistas que a prevalência de meninos e meninas nos cursos não era vista como algo que demande intervenção, uma vez que os estudantes já optaram pelo curso e estão matriculados. Outra possibilidade é a de estarem familiarizados com esta divisão. Ainda assim, posicionaram-se contrários à qualquer tratamento desigual por conta do gênero dos estudantes, demonstrando o entendimento de que não deveria haver quaisquer barreiras relacionadas ao gênero nos cursos. Ainda assim percebi que persistem algumas crenças estereotipadas a respeito das características dos meninos e das meninas, o que pode reforçar a prevalência do mesmo gênero nos cursos.

4.2 Análise da aplicação do produto

Abordarei aqui os resultados e discussões provenientes da avaliação do produto educacional, aplicado junto aos Neges do IFC, conforme já descrito na seção sobre a metodologia utilizada.

De modo geral a aplicação do formulário mostrou que o produto atendeu à finalidade proposta de informar e estimular a reflexão sobre o tema. A receptividade foi positiva dentre os respondentes. Há que se considerar que as pessoas que avaliaram o produto têm simpatia aos temas ligados ao gênero, o que aumenta a abertura às discussões sugeridas pelo material. Por outro lado, são estas as mesmas pessoas que têm mais propensão a concretizar ações no IFC voltadas à equidade de gênero. A seguir, são apresentados os dados quantitativos colhidos no formulário *online*. A variação possível das notas era de 1 a 5, em que 1 significava 'não atingiu o objetivo em nenhum grau' e 5 significava que 'atingiu completamente o objetivo'.

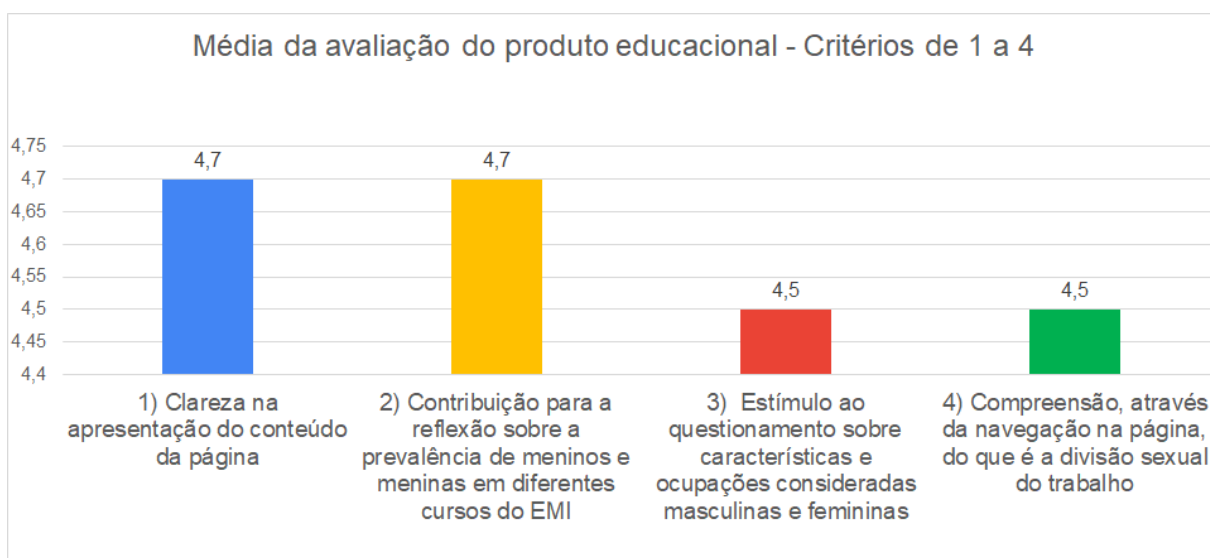


Gráfico 1 - Avaliação dos usuários do produto educacional - Critérios de 1 a 4

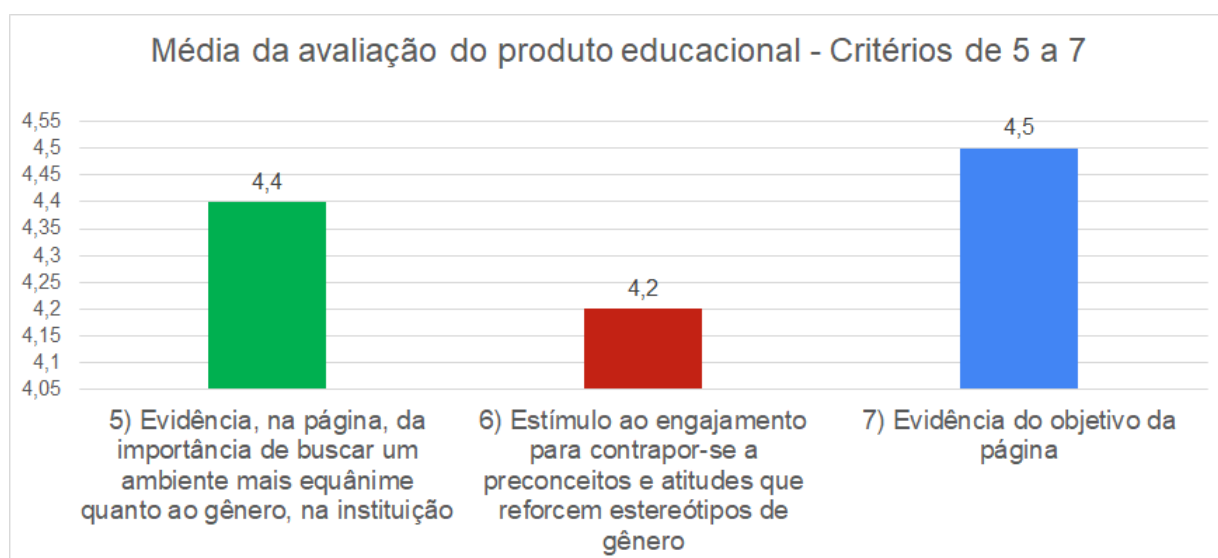


Gráfico 2 - Avaliação dos usuários do produto educacional - Critérios de 5 a 7

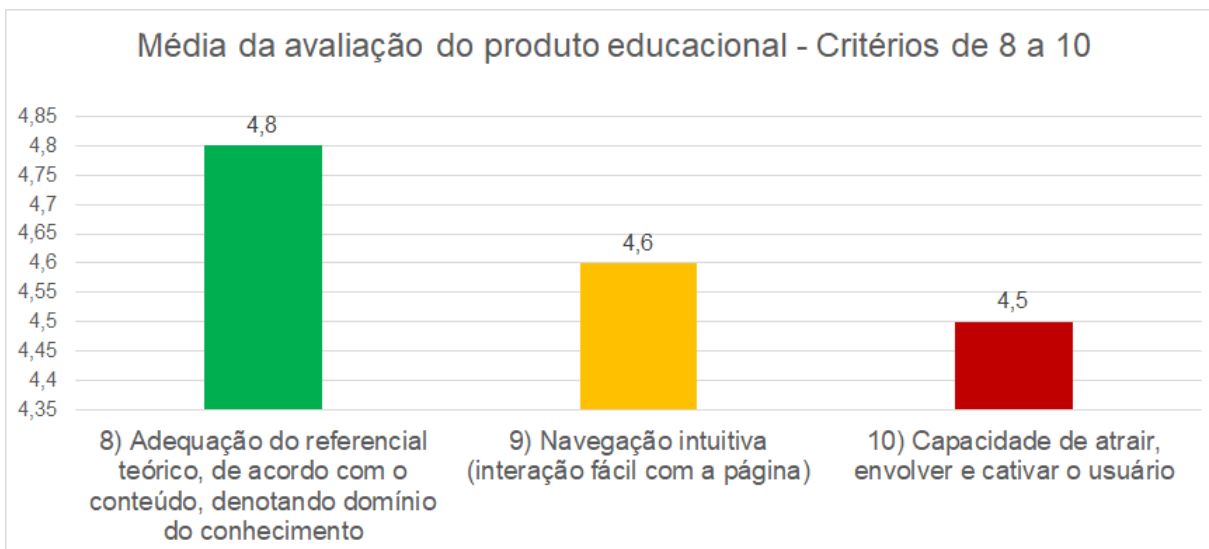


Gráfico 3 - Avaliação dos usuários do produto educacional - Critérios de 8 a 10

A partir dos dados quantitativos, é possível constatar que os avaliadores consideraram que o produto, em geral, atendeu aos objetivos. No preenchimento das notas no formulário a média resultou alta, não havendo nenhum critério com média de pontuação abaixo de 4,2 (o que corresponde a 84%). Isto indica o atendimento às propostas iniciais do produto. Contudo, a análise quantitativa é insuficiente para captar o entendimento dos avaliadores, uma vez que a mesma nota pode ser resultado de diferentes percepções, que mudam para cada pessoa. Assim, para cada item avaliado, também ficou disponível um espaço para observações e comentários específicos. Farei algumas considerações a partir do que os usuários apontaram, agrupando os comentários quando possível. Neste caso não há nenhuma forma de identificação, mesmo com pseudônimos, pois, como já apontado na metodologia, o formulário era o mais anônimo possível.

a) Necessidade de deixar mais claro o público a que se destina

Foi possível observar que o público a que se destina a página não ficou suficientemente explícito. Alguns avaliadores concluíram que o material teria como público os estudantes, e fizeram comentários nesse sentido:

Muito complexo para o nível a ser aplicado

Suavizar a parte do referencial e discussão, pode tornar mais atrativo, pensando no leitor adolescente

O material elaborado seria melhor utilizado para uma conscientização e avaliação junto com os nossos egressos. Eles estão mais habituados a esse nível de leitura, com citações e reflexões com textos acadêmicos

Uma hipótese é de que a utilização de ilustrações e apresentação de uma história, além disso, com personagem adolescente, tenha levado parte dos leitores a inferir que o público é discente. Na verdade, a intenção era que a página provocasse reflexão nos profissionais que recebem tais estudantes todos os anos na instituição, utilizando o recurso da história para tornar o material mais envolvente. Imaginei, baseada em minha experiência consumindo materiais na internet, que ter algum apelo visual e uma narrativa tenderia a tornar o leitor mais receptivo e aberto às discussões propostas.

Como descrito na metodologia, a aplicação era planejada para ocorrer *in loco* em ao menos um dos *campi* em que as diferenças dos cursos fossem mais agudas. Contudo, as condições de saúde relacionadas à pandemia de Covid-19 impediram este momento de presencialidade, em que, acredito, haveria menos dúvidas quanto à quem se designava o produto.

Por outro lado, a experiência indica que a palavra escrita precisa ser suficientemente clara para não necessitar o amparo de esclarecimento verbal. Neste sentido, em resposta ao que foi apontado pelos leitores do material, proponho melhorias a fim de deixar mais claro o público a que se destina a página. As alterações podem ser visualizadas no Apêndice H.

b) Vantagens e limites do produto

A mídia escolhida para o produto educacional proporciona algumas vantagens, como agilidade no acesso à informação e a versatilidade para explorar diferentes apresentações do conteúdo, como as ilustrações escolhidas. A partir dos comentários dos avaliadores, foi possível perceber que o produto foi considerado interessante para o usuário. Como os avaliadores são servidores do IFC, imagino que sejam pessoas habituadas com a internet e com essas mídias. O tipo de página escolhida, de rolagem única, propicia que o encadeamento do assunto abordado se desenrole continuamente. Uma das pessoas observou que o material ficou “lindo e muito atrativo”. Além disso, como abordado no item anterior, a narrativa tinha a finalidade de envolver o usuário, o que foi confirmado por alguns comentários, como:

Fiquei curiosa para saber mais da história, me prendeu a atenção

fiz a primeira escolha fui até o final e depois fiz a segunda pois estava curiosa para saber mais sobre a outra escolha de Mariana

Por outro lado, a fim de não prejudicar estas características que vejo como vantagem, algumas discussões precisaram ser mais objetivas, o que fatalmente resulta em fazer escolhas e deixar de fora aspectos importantes. Alguns desses aspectos foram apontados nos comentários. Por exemplo, uma das pessoas apontou que as licenciaturas, que tradicionalmente são também muito femininas, não foram citadas. Embora faça muito sentido e de fato complemente o material, o foco do trabalho é o ensino médio integrado, e as licenciaturas ficam fora deste escopo.

Outra pessoa indicou que, no seu entender, “a história descreve uma realidade social inquietante, mas nos termos que utiliza talvez acabe contribuindo para naturalizar a situação, ao invés de despertar a vontade de mudá-la”. Como ocorre em qualquer gênero textual, nem sempre as intenções de quem escreve ficam suficientemente explícitas ao leitor. Por entender que não cabia, no produto educacional, um caráter excessivamente panfletário, sob pena de acionar contrariedades pré-existentes aos temas de gênero nos leitores, as críticas podem ter parecido demasiado brandas, o que levaria a esta conclusão. Como não houve sugestões de melhoria indicando os termos utilizados que geraram esta interpretação, sugeri a inclusão de um parágrafo após as reflexões de Mariana sobre a divisão sexual do trabalho e o trabalho de reprodução social. As sugestões podem ser verificadas no Apêndice I.

Em outra avaliação foi apontada a percepção de que as características consideradas femininas são retratadas na página como negativas, quando a pessoa que avaliou entende que são, na verdade, qualidades. Ela indica ainda que o texto não diz isso, mas

acaba aparecendo de forma objetiva quando temos profissões associadas a essas qualidades, desqualificadas e menos valorizadas, inclusive financeiramente. Ao mesmo tempo, essas características não deviam aparecer como empecilhos às profissões ditas mais "racionais"

Também foi apontado que as características consideradas “femininas” e “masculinas” nem sempre ocorrem preponderantemente em cada gênero. De fato, não faz sentido classificar rigidamente as características de homens e mulheres. A própria personagem procurava demonstrar isso. Mas, como a construção do site supõe duas opções de escolha (justamente para não dar a ideia de que uma é “melhor” do que a outra), pode acabar levando à ideia de uma divisão rígida.

Nestes dois últimos casos é possível que as ponderações tenham surgido

em virtude dos limites de espaço próprios da mídia escolhida, como vinha comentando. Entretanto, defendo que o ganho com a característica de atrair atenção do leitor, a praticidade e a objetividade ainda é maior.

c) Atuação institucional quanto às questões de gênero

Aqui discutirei os comentários sobre as ações da instituição quanto ao tema e, de forma mais geral, quanto às questões de gênero. Os comentários foram feitos em diferentes momentos do preenchimento do formulário. Uma pessoa indicou, por exemplo, que achava que a página “mostra dados importantes, argumenta sobre os conteúdos, porém não aponta as soluções para os problemas encontrados”. Neste sentido, ressalto que a ideia era de levar informações e provocar a reflexão, e não indicar, exatamente, como a questão deve ser abordada no *campus*, junto aos alunos, ou entre os demais servidores. Entendo que cada *campus* tem uma dinâmica própria e que contribuir para que os servidores tenham sensibilidade ao tema ajuda a encontrar os caminhos. Um outro comentário traz esta ideia, quando afirma que “o conteúdo da página estimulam (*sic*) muitas reflexões, porém para engajamento ele deve ser utilizado junto com outras ações”. Neste sentido, em algumas avaliações foi indicada a importância de conhecer e debater o tema:

É extremamente importante esse debate na instituição. Além da Mariana ser mulher ela é negra deve ter ingressado através as cotas e também tem perfil para ser atendida pelo Programa de Auxílios Estudantis, portanto, ela apresenta vários elementos para iniciar uma quebra de barreiras na instituição

Foi incluída no formulário uma pergunta aberta que tinha a finalidade de identificar se os participantes acreditam que há preparo da instituição para lidar com questões de gênero. A pergunta era: “Na sua opinião, o IFC está preparado para receber os estudantes no que se refere às questões de gênero? Por quê? Se possível, dê exemplos”. Os retornos foram variados e podem ser classificados em quatro categorias de respostas:

1) Negativas: cinco pessoas avaliam que o IFC não está preparado para receber os estudantes no tocante à estes temas. Comentaram sobre estereótipos que todos carregamos, a escassez de formação, concepções sexistas e preconceituosas de servidores. Houve também o comentário de que o IFC está “muito aquém em relação às questões de gênero, raça, etc. Há uma preocupação excessiva em

burocracias e esquecem do lado humano da instituição”

- II) Parcialmente afirmativa: uma pessoa apontou que a instituição está preparada para receber os estudantes, mas não para mantê-los. É exemplificado com uma situação de constrangimento de uma aluna trans em relação à utilização do banheiro. Relata que ao fim, a estudante solicitou transferência da instituição e entende que não foi dada, institucionalmente, atenção a essa situação.
- III) Afirmitivas: três pessoas indicaram que acreditam que sim, o IFC está preparado para receber os estudantes. Uma delas citou o esforço “na construção de políticas e na disseminação de informações que rompem com os preconceitos”. Outra respondeu que sim, mas disse que discussões como as da página são necessárias em todos os cursos. A terceira chamou atenção por ser a única pessoa não-servidora a responder. É uma egressa, estudante formada no ensino médio integrado do IFC. Para ela a instituição tratava de “igual para igual”.
- IV) Indicativas da necessidade de discutir e realizar formações: sete pessoas enfatizaram a necessidade de discussão e formação sobre esses temas. Citou-se o machismo ainda forte na sociedade; os preconceitos para abordar questões de gênero por parte de servidores; a conjuntura política do país, que deixa as problematizações ‘partidárias’, enfraquecendo o debate; e o fato de nenhuma instituição estar “completamente preparada para tratar da questão de gênero, em razão das diferentes concepções dos sujeitos que fazem o dia a dia desses espaços”. Este grupo em geral frisou a importância da formação dos servidores e de debater tais temas, o que pode ser sintetizado por esta manifestação: “Há muito o que ser discutido e trabalhado com toda a comunidade escolar”. Uma pessoa indicou que entende que há “perfis de *Campus* onde se está mais ou menos preparado para essas discussões e não tem como termos uma resposta generalizada”. Esta pessoa relata ainda que é proveniente de um campo agrário e vê situações em que muitos colegas de trabalho validam atitudes dos estudantes, sendo “extremamente machistas assim como alunos”. Foi relatado ainda que “manifestações de alunxs sobre assédio no *campus* foram ridicularizadas”, além de várias situações de ofensas às mulheres, dirigindo-se inclusive à própria pessoa que avaliou o produto, com termos agressivos e misóginos.

Já vi professoras serem chamadas de burra em reuniões e nada acontecer, mas quando respondem de maneira mais enfática são chamadas de mal educadas, loucas. As vezes temos *mansplaining*. Tivemos turma de formandos que fizeram o sinal da vagina em sua foto de formatura... questões relacionadas a homofobia muitas vezes são tratadas como

bobagens por alguns colegas

Esta última resposta ilustra muito bem a necessidade de tratar de tais temas. Ainda foi citada a informação de que há muita gente “batalhando por equidade e trazendo a todas (*sic*) essas discussões”, o que acalenta um pouco, depois de ler tais relatos.

Observando estes últimos comentários (que apontam a necessidade de discussão e formação) e as respostas que indicam que a instituição não está preparada para receber os estudantes no tocante ao gênero, tendo a concluir que, no momento, a instituição mais favorece a legitimação da divisão sexual do trabalho do que contribui para a sua alteração. Diria que esta característica não é uniforme, pois há significativas diferenças entre os *campi*. Cabe destacar que se encontra em processo de implementação a Política de Inclusão e Diversidade do IFC, que prevê a atuação dos Núcleos de Estudo de Gênero e Sexualidade em todos os *campi*, o que deve contribuir positivamente. Além disso, vários comentários, tanto nas entrevistas quanto na avaliação do produto educacional, indicaram que há esforços para questionar preconceitos e desigualdades entre gêneros no âmbito do IFC.

d) Sugestões de melhorias

Para melhorias, além do que já foi abordado anteriormente quanto ao público a que se destina o produto, sugeriu-se:

- Incluir quadrinhos para complementar a discussão;
- Mostrar o referencial teórico como uma pesquisa da personagem;
- Transformar a narrativa em uma história em vídeo.

Embora sejam sugestões interessantes, implementá-las geraria uma reformulação muito profunda no produto, impactando diretamente na organização da história e nos trabalhos dos parceiros (ilustrador, desenvolvedor *web*, tradutores/intérpretes de libras). Entendo que não há necessidade para o momento, ficando as sugestões para outras produções.

Também foi apontado por uma pessoa que o final da história não lhe parecia o fim. Ressalto que a intenção era, de fato, causar um pouco desta sensação, a fim de que o leitor refletisse que a continuação da história da estudante (e de todos os demais, que ingressam na instituição) depende em grande medida, de como será recebida por nós.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu do questionamento acerca os lugares atribuídos a homens e mulheres no mundo do trabalho e como concepções sobre o tema manifestam-se no pensamento de servidores do IFC. As entrevistas realizadas permitiram conhecer um pouco do que pensam os servidores, particularmente coordenadores de cursos e técnicos que atuam no atendimento aos estudantes, em *campi* em que estas diferenças são mais extremadas.

Pude observar que boa parte das pessoas entrevistadas atribui a divisão de meninos ou meninas nos cursos a causas abrangentes, como a cultura e família em que os estudantes estão inseridos, falando sobre isso de modo crítico. Ainda assim, conservam-se algumas naturalizações e estereótipos. Tais ideias revelaram-se, por exemplo, ao demonstrar ser trivial o afastamento de meninas do pensamento lógico-matemático, ou ao reforçar estereótipos de características femininas e masculinas dentre estudantes. Por outro lado, também foi possível perceber em algumas falas o incômodo com preconceitos de colegas servidores do *campus*, bem como declarações contrárias a ideias preconcebidas sobre o que compõe o universo feminino e masculino.

Neste sentido, cabe destacar que algumas constatações dos servidores entrevistados são coerentes, dado que meninos e meninas usualmente comportam-se de maneiras distintas. Observar e relatar tais características não significa que entendam que os estudantes se limitem a elas. Contudo, tal observação não deve levar à naturalização ou estigma, sob pena do ambiente escolar estar reforçando a divisão sexual do trabalho.

Havia apontado como um dos objetivos da pesquisa verificar como a instituição lida com os impactos da divisão sexual do trabalho nos cursos de maioria feminina e masculina no IFC. Não foram observadas atuações relevantes neste sentido, possivelmente pelo fato de haver menor possibilidade de intervenção na escolha dos estudantes, uma vez que ela ocorre antes do ingresso no IFC (como mostra história de Mariana). Ainda assim, considerando o desconhecimento dos cursos por parte dos estudantes, relatado nas entrevistas, parece ser importante pensar com cuidado nas estratégias de divulgação, no período que antecede as inscrições para o processo seletivo.

Além disso, a permanência de estudantes que ingressam em cursos em que

são gênero minoritário deve ser observada com atenção, considerando o que dizem os artigos estudados sobre as adversidades enfrentadas, especialmente por mulheres em ambientes excessivamente masculinos.

Levando em conta os resultados das entrevistas e da aplicação do produto educacional, é possível concluir que a instituição pende o lado do favorecimento da divisão sexual do trabalho nos cursos de ensino médio integrado. Entretanto, como afirma uma das avaliadoras do produto educacional, cada *campus* tem um perfil e não há um preparo uniforme para essas discussões.

Uma das premissas deste estudo é justamente a de que os servidores têm possibilidade, no seu trabalho, de contribuir para questionar as ideias limitantes sobre a atuação de homens e mulheres no mundo do trabalho, na mesma medida em que podem reforçá-las. Por isso, mesmo que a tendência observada seja de legitimar esta divisão, acredito na potencialidade de transformação. Há muitas iniciativas importantes nascendo, como a implementação dos Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade (NEGES) no IFC e diferentes ações buscam promover uma instituição mais igualitária quanto ao gênero.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. A et al. Investigando questões de gênero em um curso da área de Computação. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 857-874, Ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/37022>. Acesso em 05 out 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p857>.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARAUJO, R. M. L.; FRIGOTTO, G. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Rev Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/7956/5723>. Acesso em 20 mai 2020.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. São Paulo: Boitempo, 2019.

BHATTACHARYA, T. O que é a teoria da reprodução social? **Revista outubro**, São Paulo, Edição 32, p. 99 -113, set. 2019. Disponível em: http://outubrevista.com.br/wp-content/uploads/2019/09/04_Bhattacharya.pdf. Acesso em 02 jul 2020.

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BIROLI, F. **Gênero e Desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plataforma Nilo Peçanha**. PNP 2019: Ano base 2018. Brasília: MEC/SETEC, 2019. Disponível em: <https://www.plataformanilopecanha.org/>. Acesso em: set 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plataforma Nilo Peçanha**. Brasília: MEC/SETEC, 2020. Disponível em: <https://www.plataformanilopecanha.org/>. Acesso em: 25 ago 2020.

BRASIL. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 01 de mai de 2019.

CASAGRANDE, L. S.; SOUZA, A. M. F. L. Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 825-850, Dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/46752>. Acesso em 16 out. 2018.

DALMORO, M.; VIEIRA, K. M. Dilemas na construção de escalas Tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados? **RGO Rev. Gestão Organizacional**. vol. 6. edição especial. 2013 Disponível em

<http://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/1386> Acesso em: 13 set 2020.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6a edição. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad. Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, Dez. 2007. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/344/348>. Acesso em 14 out. 2018.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

IBGE. **Estatísticas de Gênero**: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 38, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 05 set. 2020.

JESUS, C. S. B.; BARBOSA, R. J. S. Trabalho feminino x nível de escolaridade: uma análise sobre a influência da educação para a inserção da mulher no mundo do trabalho. **Revista Ártemis**, Vol. XXI jan-jul 2016, pp.131-146 Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/28227/16094> Acesso em: 08 nov. 2018.

LIMA, M. P. As mulheres na Ciência da Computação. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 793-816, set. 2013. ISSN 1806-9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000300003>. Acesso em: 21 de jul. 2019.

MAIA, M. M. Limites de gênero e presença feminina nos cursos superiores brasileiros do campo da computação. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 46, p. 223-244, Abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332016000100223&lng=en&nrm=iso. Acesso em 16 out. 2018.

MENA-CHALCO, J.; ROCHA, V. Caracterização do banco de teses e dissertações da CAPES. *In*: 4º **Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria**, 14 a 16 maio 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261438720_Caracterizacao_do_banco_d_e_teses_e_dissertacoes_da_CAPES

MORAES, A.Z.; CRUZ, T. M. Estudantes de engenharia: entre o empoderamento e o binarismo de gênero. **Cad. Pesquisa**, São Paulo , v. 48, n. 168, p. 572-598, jun. 2018. Disponível em <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/5159>. Acesso em: 15 out 2018.

MOURA, D. H.; LIMA FILHO, D. L.; SILVA, M. R. Politecnia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Rev. Bras. Educ.** 2015, vol.20, n.63, pp.1057-1080. ISSN 1413-2478.

PADOIN, E.; AMORIM, M. **O percurso da Educação Profissional no Brasil e a criação dos Institutos Federais nesse contexto.** *In:* Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Florianópolis, Santa Catarina, 2016. Disponível em:

https://www.15snhct.sbhct.org.br/resources/anais/12/1473984255_ARQUIVO_ARTI_GOSNHCTENVIADO.pdf Acesso em: 13 de março de 2019.

QUIRINO, R. Divisão Sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: aproximações teórico-conceituais em uma perspectiva marxista. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.24, n.2, p. 229-246, mai-ago, 2015. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/7830>. Acesso em: 07 nov. 2018.

RAMOS, M. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. *In:* FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (orgs.). **Ensino médio integrado: concepções e contradições.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 106-127.

RICOLDI, A.; ARTES, A. Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios. **Ex aequo**, Lisboa, n. 33, p. 149-161, jun. 2016. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602016000100011. Acesso em: 14 out. 2018.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 07 de fev de 2019.

STANCKI, N. **Divisão sexual do trabalho:** a sua constante reprodução. *In:* I Ciclo de Debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia, 2003, PUC-SP. Disponível em: http://www4.pucsp.br/eitt/downloads/eitt2003_nancistancki.pdf. Acesso em 13 de set. 2020.

TEIXEIRA, F. **Storyframes before wireframes:** What if you started your designs in the text editor? UX Collective. 26 mai 2017. Disponível em: <https://uxdesign.cc/storyframes-before-wireframes-starting-designs-in-the-text-editor-ec69db78e6e4>. Acessado em: 18 set. 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** A pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. - 23 reimpr. São Paulo: Atlas, 2015.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

1. Apresentação do produto

O Produto Educacional apresentado trata-se de uma mídia educacional do tipo “página da internet”. O formato da página (em *storytelling*) foi escolhido por apresentar de forma mais direta e informal as ideias. A apresentação das informações neste tipo de página dá-se em conteúdo de rolagem única, sem muitos botões de navegação, como ocorre em páginas de tipo institucional ou portal de notícias. Além disso, apresenta linguagem clara e mais informal possível.

Para sua elaboração foi alinhavada como eixo central uma história comum: uma personagem, Mariana, estudante a ingressar no Instituto Federal, que encontra-se diante de um problema: qual curso escolher? A narrativa é simples, servindo como moldura para abordar os temas escolhidos.

À medida em que o usuário vai se inteirando sobre a história da personagem, outras informações são sobrepostas, apresentando algumas discussões e dados ligados à temática.

2. Justificativa e bases teóricas

A aplicação do produto justifica-se pela necessidade de informar e conscientizar os servidores quanto ao tema, contribuindo para igualdade no acesso e permanência nos cursos do IFC, independente das características de gênero dos estudantes. A pesquisa mostrou que é preciso falar sobre tais temas, seja porque a divisão sexual do trabalho ainda é muito presente e naturalizada, seja pelos estereótipos que são reforçados até mesmo no ambiente escolar.

Para tanto, a finalidade do produto é chamar a atenção para o tema e suscitar a reflexão sobre como lidar com as consequências dessa divisão. Por isso são apresentadas algumas questões sobre a maneira como a divisão sexual do trabalho impacta nas escolhas dos estudantes quanto ao curso.

As bases teóricas que sustentam o produto educacional são as já abordadas neste trabalho, sobretudo as que tratam da divisão sexual do trabalho (Hirata, Kergoat, Biroli), as que discutem o ensino médio integrado (Frigotto, Ciavatta, Ramos), as que abordam a teoria da reprodução social (Bhattacharya), e aquelas que falam sobre as diferenças de proporções entre homens e mulheres nos cursos, bem como estereótipos de gênero associados às escolhas dos estudantes (Leite, Oliveira e Silva, Luz e Gitahy, Olinto).

3. Caminhos tomados na elaboração do produto

Abordo aqui a motivação de algumas opções feitas na elaboração do produto, como: apresentar o conteúdo por meio de uma história; a escolha do nome “Mariana”; e o motivo de ser o próprio usuário quem opta pelo curso que Mariana vai fazer.

Primeiramente, acho interessante ressaltar que uma página do tipo *storytelling* não pressupõe, necessariamente, que será contada uma história, como a tradução literal do termo sugere. No círculo de desenvolvedores *web*, o termo é utilizado mais em virtude do formato da página, do que propriamente de seu

conteúdo. No entanto, optei por contar uma história após participar, por curiosidade, de um curso online sobre *storytelling*, para produtores de histórias de fato, como escritores, podcasters, professores e profissionais da publicidade. O curso era ministrado pelo âncora do podcast “Humanos” e Anticast, Ivan Mizanzuk. Tinha como por princípio a ideia de que bons filmes, livros e podcasts têm em comum a capacidade de prender a atenção através de uma boa história. Ao acompanhar o curso, tornou-se claro o que já intuía: a identificação com uma personagem causa no leitor, espectador ou ouvinte maior abertura para discutir determinado tema do que a apresentação de um conteúdo estritamente teórico.

Quanto ao nome da personagem (Mariana), não houve motivo especial para escolhê-lo. Para que não ficasse muito fora do comum, fiz uma pesquisa no site do IBGE sobre os Nomes do Brasil (<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes>). “Mariana” foi o escolhido dentre os nomes mais populares no Brasil na década de 2000. Como pode ser observado na imagem abaixo, no Brasil, há 142.606 Marianas nascidas na referida década.

Imagem: lista de nomes populares no Brasil - década de 2000

<input type="radio"/> Maria	1.105.524 pessoas	<input type="radio"/> Bruna	137.660 pessoas
<input type="radio"/> Ana	931.115 pessoas	<input type="radio"/> Camila	128.347 pessoas
<input type="radio"/> Vitoria	282.734 pessoas	<input type="radio"/> Isabela	126.158 pessoas
<input type="radio"/> Julia	264.647 pessoas	<input type="radio"/> Luana	116.460 pessoas
<input type="radio"/> Leticia	208.527 pessoas	<input type="radio"/> Sara	115.760 pessoas
<input type="radio"/> Amanda	175.868 pessoas	<input type="radio"/> Eduarda	110.144 pessoas
<input type="radio"/> Beatriz	170.464 pessoas	<input type="radio"/> Bianca	108.866 pessoas
<input type="radio"/> Larissa	168.755 pessoas	<input type="radio"/> Rafaela	104.428 pessoas
<input type="radio"/> Gabriela	168.390 pessoas	<input type="radio"/> Geovana	104.253 pessoas
<input type="radio"/> Mariana	142.606 pessoas	<input type="radio"/> Fernanda	104.005 pessoas

Fonte: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#!/ranking>

Já as opções disponíveis ao usuário na navegação do site foram resultado de reflexões ao elaborar o produto. Ao criar a história também me encontrei, com Mariana, diante de uma encruzilhada. Qual curso deveria narrar que a personagem acabou optando? Não queria que parecesse, ao leitor, que uma opção era a correta, ou pior, que “valesse mais” do que a outra (mesmo que assim o seja no mundo do trabalho, como indica Hirata). Ao contrário, a intenção era mostrar que as duas escolhas eram igualmente possíveis à Mariana e trazem consequências diferentes para o seu caminho. Assim surgiu a ideia de fazer com que o próprio usuário da página optasse pela personagem, o que tornaria possível introduzir discussões decorrentes de cada decisão.

4. Aplicação do produto

A ideia era aplicar o produto educacional em um dos *campi* visitados para realizar as entrevistas. Com o cenário da pandemia de Covid-19 os planejamentos foram revistos. A suspensão das aulas e trabalho remoto dos servidores torna

impeditiva a visita aos *campi*. Assim, a aplicação do produto foi feita via Neges do IFC, recentemente organizados nas unidades (*campi* e reitoria).

5. Link para o produto educacional

<https://aescolhademariana.com.br/>

6. Conteúdo do produto educacional



[capa: A escolha de Mariana]

Todo ano, recebemos muitos novos estudantes em nossa instituição. Em alguns cursos, observa-se uma divisão entre gêneros: há uma predominância acentuada de meninos ou meninas nas matrículas. Para entender melhor sobre esse fenômeno, vamos acompanhar a história de uma adolescente com o desafio de escolher seu curso para o ingresso no ensino médio integrado do Instituto Federal...



[Todo ano, recebemos muitos novos estudantes em nossa instituição. Em alguns cursos, observa-se uma divisão entre gêneros: há uma predominância acentuada de meninos ou meninas nas matrículas. Para entender melhor sobre esse fenômeno, vamos acompanhar a história de uma adolescente com o desafio de escolher seu curso para o ingresso no ensino médio integrado do Instituto Federal...]




Mariana tinha 15 anos e estava terminando o ensino fundamental.
Ela queria fazer um bom ensino médio. Quem sabe...
Depois até poderia ser a primeira da família a entrar em uma universidade?

[Mariana tinha 15 anos e estava terminando o ensino fundamental. Ela queria fazer um bom ensino médio. Quem sabe...Depois até poderia ser a primeira da família a entrar em uma universidade?]




[Sua prima estudava no Instituto Federal e queria que Mariana estudasse lá. Um professor querido da escola vivia dizendo que “o ensino no IF é forte”, e incentivava os alunos a se inscreverem para fazerem a prova de ingresso.]



Mariana se informou e descobriu que no Instituto Federal ela poderia fazer o ensino médio e já sair com uma profissão. Pensou que seria bom ter um trabalho o quanto antes... Ajudar em casa, como já fazia seu irmão, que trabalhava na indústria. Além disso, poderia ter o seu dinheirinho.

Ela teria que estudar bastante, pois no IF eram mais horas que o ensino médio regular. Mas, colocando na balança, ela achou que parecia uma boa ideia.



[Mariana se informou e descobriu que no Instituto Federal ela poderia fazer o ensino médio e já sair com uma profissão. Pensou que seria bom ter um trabalho o quanto antes... Ajudar em casa, como já fazia seu irmão, que trabalhava na indústria. Além disso, poderia ter o seu dinheirinho. Ela teria que estudar bastante, pois no IF eram mais horas que o ensino médio regular. Mas, colocando na balança, ela achou que parecia uma boa ideia.]

Ela ainda não sabia, mas o ensino médio integrado vai além da junção de disciplinas do ensino médio regular com as disciplinas da parte técnica.

Para Araújo e Frigotto (2015) a perspectiva do ensino integrado “se compromete com a utopia de uma formação inteira, que não se satisfaz com a socialização de fragmentos da cultura sistematizada e que compreende como direito de todos ao acesso a um processo formativo, inclusive escolar, que promova o desenvolvimento de suas amplas faculdades físicas e intelectuais.” p. 62

Essa concepção é contrária à dualidade na educação: a separação entre a preparação para a continuidade de estudos no ensino superior (possibilitado às elites), e a preparação para o trabalho (para a classe trabalhadora).

Como Mariana, milhões de jovens brasileiros precisam inserir-se no mundo do trabalho precocemente. Não é por isso que devem ter uma formação aligeirada e estritamente técnica. Pelo contrário, o ensino médio integrado deve possibilitar a integridade da formação humana (Araújo e Frigotto, 2015) e potencializar “mudanças para, superando-se essa conjuntura, constituir-se em uma educação que contenha elementos de uma sociedade justa” (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005, p. 44)

[Ela ainda não sabia, mas o ensino médio integrado vai além da junção de disciplinas do ensino médio regular com as disciplinas da parte técnica.

Para Araújo e Frigotto (2015) a perspectiva do ensino integrado “se compromete com a utopia de uma formação inteira, que não se satisfaz com a socialização de fragmentos da cultura sistematizada e que compreende como direito de todos ao acesso a um processo formativo, inclusive escolar, que promova o desenvolvimento de suas amplas faculdades físicas e intelectuais.” p. 62

Essa concepção é contrária à dualidade na educação: a separação entre a preparação para a continuidade de estudos no ensino superior (possibilitado às elites), e a preparação para o trabalho (para a classe trabalhadora).

Como Mariana, milhões de jovens brasileiros precisam inserir-se no mundo do trabalho precocemente. Não é por isso que devem ter uma formação aligeirada e estritamente técnica. Pelo contrário, o ensino médio integrado deve possibilitar a integridade da formação humana (Araújo e Frigotto, 2015) e potencializar “mudanças para, superando-se essa conjuntura, constituir-se em uma educação que contenha elementos de uma sociedade justa” (FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS, 2005, p. 44)]

Decidiu estudar no Instituto Federal. Ficou entusiasmada. Mas... Qual curso escolher?

No dia a dia, quando tinha que decidir alguma coisa, ela escolhia num piscar de olhos. Qual música escutar, o que vestir...

Mas para outras coisas, demorava e ficava remoendo as opções. Pelo visto, escolher o curso era uma dessas coisas... Ficou muito pensativa e não chegou a uma conclusão.



[Decidiu estudar no Instituto Federal. Ficou entusiasmada. Mas... Qual curso escolher?
No dia a dia, quando tinha que decidir alguma coisa, ela escolhia num piscar de olhos. Qual música escutar, o que vestir...
Mas para outras coisas, demorava e ficava remoendo as opções. Pelo visto, escolher o curso era uma dessas coisas... Ficou muito pensativa e não chegou a uma conclusão.]



Mariana cresceu vendo a sua mãe trabalhar como cuidadora de idosos.

Sempre teve orgulho do trabalho da mãe e pensou que gostaria de fazer um curso na área da saúde.

Como a mãe, ela tinha jeito com as pessoas, era sensível e sentia-se bem em cuidar dos outros.


[Mariana cresceu vendo a sua mãe trabalhar como cuidadora de idosos.
Sempre teve orgulho do trabalho da mãe e pensou que gostaria de fazer um curso na área da saúde.
Como a mãe, ela tinha jeito com as pessoas, era sensível e sentia-se bem em cuidar dos outros.]



Já seu pai trabalhava em uma oficina mecânica.


Muitas vezes Mariana via seu pai trabalhando na oficina e ficava fascinada com tudo aquilo. Ela adorava abrir as coisas para ver como funcionavam. Também era muito boa em jogos e desafios de lógica.

[Já seu pai trabalhava em uma oficina mecânica.
Muitas vezes Mariana via seu pai trabalhando na oficina e ficava fascinada com tudo aquilo.
Ela adorava abrir as coisas para ver como funcionavam. Também era muito boa em jogos
e desafios de lógica.]



Sua prima lhe disse que no campus havia um curso em que ela poderia exercitar seu lado racional, trabalhar com lógica e programação. Esse curso tinha maioria de meninos como estudantes.

Também havia um curso ligado à área da saúde e cuidado, em que poderia ajudar as pessoas. Neste caso, havia muitas meninas matriculadas.



[Sua prima lhe disse que no campus havia um curso em que ela poderia exercitar seu lado racional, trabalhar com lógica e programação. Esse curso tinha maioria de meninos como estudantes.

Também havia um curso ligado à área da saúde e cuidado, em que poderia ajudar as pessoas. Neste caso, havia muitas meninas matriculadas.]



Mariana ficou se perguntando por que é que essa divisão entre meninos e meninas acontece em alguns cursos.

Pensando bem, percebeu que não era só na escola... Em outras situações homens e mulheres também se dividiam em suas atividades. Ela ficou divagando vários dias enquanto ela tentava decidir qual curso escolheria. Cismou com duas dúvidas:

Por que existem "trabalhos de homem" e "trabalhos de mulher"?


Por que é desigual a divisão das tarefas domésticas?

[Mariana ficou se perguntando por que é que essa divisão entre meninos e meninas acontece em alguns cursos.


Pensando bem, percebeu que não era só na escola... Em outras situações homens e mulheres também se dividiam em suas atividades. Ela ficou divagando vários dias enquanto ela tentava decidir qual curso escolheria. Cismou com duas dúvidas:

Por que existem "trabalhos de homem" e "trabalhos de mulher"?

Por que é desigual a divisão das tarefas domésticas?]



Ela pensou nas profissões de pessoas que conhecia. Sua tia, por exemplo, que era costureira... Desde que ela se lembrava, só tinha visto mulheres na costura. E o seu tio, que era pedreiro? Ela só via homens na construção civil. Por que será que era dessa maneira?



[Ela pensou nas profissões de pessoas que conhecia. Sua tia, por exemplo, que era costureira... Desde que ela se lembrava, só tinha visto mulheres na costura. E o seu tio, que era pedreiro? Ela só via homens na construção civil. Por que será que era dessa maneira?]

Sua dúvida era pertinente. De fato ainda há profissões que são predominantemente desempenhadas por mulheres, e outras por homens.

Ainda que as mulheres estudem mais (são mais frequentes na escola, além de serem maioria com ensino superior¹) e cada vez mais ganhem espaço em profissões tradicionalmente masculinas, essa divisão ainda ocorre.

Persistem associações de “determinadas atividades profissionais com supostos atributos femininos (maior habilidade para o cuidado ou paciência) ou masculinos (força física ou objetividade), que justificariam a separação sexual do trabalho, a partir da crença de que homens e mulheres teriam naturalmente capacidades distintas” (LUZ; GITAHY, 2016, p. 56).

Mas a “natureza” é insuficiente para explicar as diferentes características entre homens e mulheres, pois as condições em que vivem “não são produtos de um destino biológico, mas, sobretudo, construções sociais” (KERGOAT, 2009, p. 67)

Para entender essas diferenças entre os gêneros no trabalho, um conceito útil é o de “divisão sexual do trabalho”. Essa divisão “tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.)” (KERGOAT, 2009, p. 67)

Embora tenha uma “incrível plasticidade” (Hirata; Kergoat, 2007), ou seja, varie muito no espaço e no tempo, podem ser identificados na divisão sexual do trabalho dois princípios fundamentais:

- 1) o princípio da separação: existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres
- 2) o princípio hierárquico: um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher

[Sua dúvida era pertinente. De fato ainda há profissões que são predominantemente desempenhadas por mulheres, e outras por homens.

Ainda que as mulheres estudem mais (são mais frequentes na escola, além de serem maioria com ensino superior¹) e cada vez mais ganhem espaço em profissões tradicionalmente masculinas, essa divisão ainda ocorre.

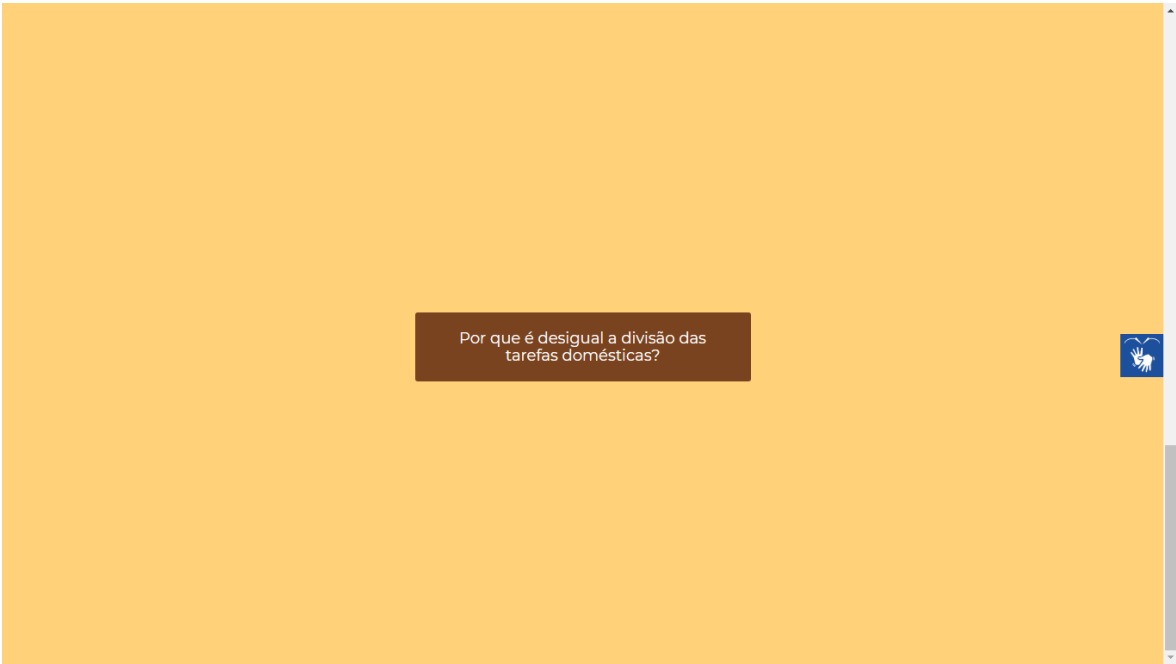
Persistem associações de “determinadas atividades profissionais com supostos atributos femininos (maior habilidade para o cuidado ou paciência) ou masculinos (força física ou objetividade), que justificariam a separação sexual do trabalho, a partir da crença de que homens e mulheres teriam naturalmente capacidades distintas” (LUZ; GITAHY, 2016, p. 56).

Mas a “natureza” é insuficiente para explicar as diferentes características entre homens e mulheres, pois as condições em que vivem “não são produtos de um destino biológico, mas, sobretudo, construções sociais” (KERGOAT, 2009, p. 67)

Para entender essas diferenças entre os gêneros no trabalho, um conceito útil é o de “divisão sexual do trabalho”. Essa divisão “tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.)” (KERGOAT, 2009, p. 67)

Embora tenha uma “incrível plasticidade” (Hirata; Kergoat, 2007), ou seja, varie muito no espaço e no tempo, podem ser identificados na divisão sexual do trabalho dois princípios fundamentais:

- 1) o princípio da separação: existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres
- 2) o princípio hierárquico: um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher]



Por que é desigual a divisão das tarefas domésticas?

[Por que é desigual a divisão das tarefas domésticas?]

Enquanto lavava a louça de uma grande refeição da família, parou para se perguntar...
Por que é que todos achavam normal o seu irmão não ajudar nas tarefas de casa, como
ela precisa fazer?



[Enquanto lavava a louça de uma grande refeição da família, parou para se perguntar... Por que é que todos achavam normal o seu irmão não ajudar nas tarefas de casa, como ela precisa fazer?]

Não era à toa que Mariana lavava a louça enquanto o seu irmão descansava.

Segundo o (**dados do IBGE de 2016**), as mulheres dedicaram cerca de 73% a mais de horas do que os homens nos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos. Os dados indicam ainda maior dedicação das mulheres pretas ou pardas nesses afazeres.

Somos todos, em alguma medida, vulneráveis e dependentes de cuidado alheio (Biroli, 2018). Para que o trabalho produtivo ocorra - para que o irmão de Mariana, por exemplo, possa trabalhar na indústria - são necessárias várias ações que “reproduzem” sua força de trabalho. Ele precisa estar alimentado, vestido com roupas limpas, e com suas forças recuperadas. Quem conduz esses processos, via de regra, são as mulheres.

Para Bhattacharya (2019) três processos se interconectam para reproduzir a força de trabalho:

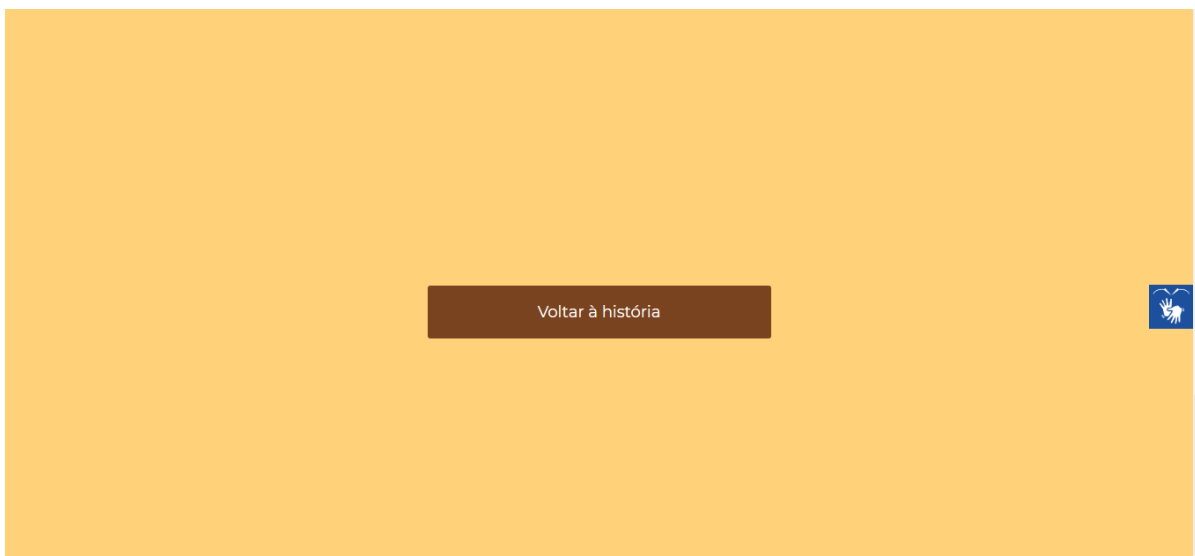
- 1) Atividades que recuperam a força de trabalho e permitem que a pessoa retorne ao processo de produção. Aí se inclui a alimentação, ter onde dormir, além de outros cuidados, como os psíquicos;
- 2) Atividades que sustentam e regeneram aqueles que estão fora do processo de produção - os futuros ou antigos trabalhadores (crianças, idosos, pessoas com deficiência ou em situação de desemprego);
- 3) Reprodução de novos trabalhadores, ou seja, dar à luz.

Apesar de somente o terceiro desses processos depender de uma estrutura biológica específica e os demais serem inteiramente possíveis a qualquer gênero, as mulheres “assumem o cuidado das crianças, dos idosos e das pessoas com necessidades especiais em grau desproporcional em relação aos homens. Isso ocorre tanto quando o fazem como parte de suas funções cotidianas na vida doméstica - e, portanto, sem serem remuneradas por isso - como quando são cuidadoras ou trabalhadoras domésticas remuneradas.” (Biroli, 2018, p. 14)

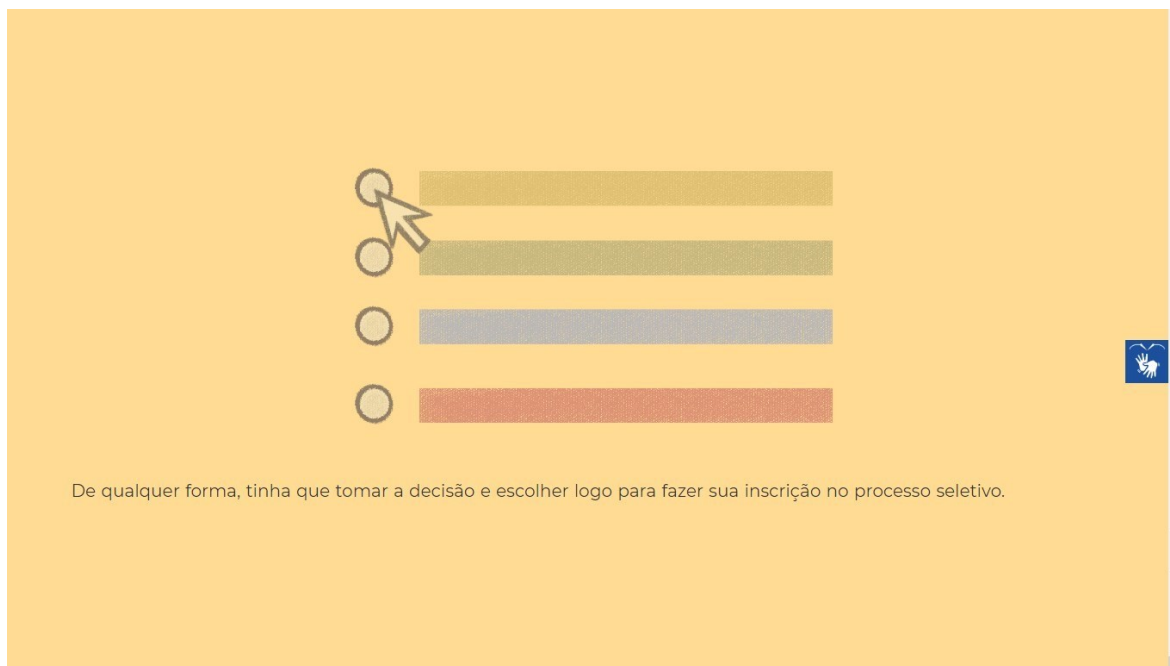
O “trabalho de produção de pessoas” é essencial. Ele não apenas cria e mantém a vida no sentido biológico, ele também cria e mantém nossa capacidade de trabalhar” (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 52).



[Não era à toa que Mariana lavava a louça enquanto o seu irmão descansava. Segundo o (dados do IBGE de 2016), as mulheres dedicaram cerca de 73% a mais de horas do que os homens nos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos. Os dados indicam ainda maior dedicação das mulheres pretas ou pardas nesses afazeres. Somos todos, em alguma medida, vulneráveis e dependentes de cuidado alheio (Biroli, 2018). Para que o trabalho produtivo ocorra - para que o irmão de Mariana, por exemplo, possa trabalhar na indústria - são necessárias várias ações que “reproduzem” sua força de trabalho. Ele precisa estar alimentado, vestido com roupas limpas, e com suas forças recuperadas. Quem conduz esses processos, via de regra, são as mulheres. Para Bhattacharya (2019) três processos se interconectam para reproduzir a força de trabalho: 1) Atividades que recuperam a força de trabalho e permitem que a pessoa retorne ao processo de produção. Aí se inclui a alimentação, ter onde dormir, além de outros cuidados, como os psíquicos; 2) Atividades que sustentam e regeneram aqueles que estão fora do processo de produção - os futuros ou antigos trabalhadores (crianças, idosos, pessoas com deficiência ou em situação de desemprego); 3) Reprodução de novos trabalhadores, ou seja, dar à luz. Apesar de somente o terceiro desses processos depender de uma estrutura biológica específica e os demais serem inteiramente possíveis a qualquer gênero, as mulheres “assumem o cuidado das crianças, dos idosos e das pessoas com necessidades especiais em grau desproporcional em relação aos homens. Isso ocorre tanto quando o fazem como parte de suas funções cotidianas na vida doméstica - e, portanto, sem serem remuneradas por isso - como quando são cuidadoras ou trabalhadoras domésticas remuneradas.” (Biroli, 2018, p. 14) O “trabalho de produção de pessoas” é essencial. Ele não apenas cria e mantém a vida no sentido biológico, ele também cria e mantém nossa capacidade de trabalhar” (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 52).]



[Voltar à história]



[De qualquer forma, tinha que tomar a decisão e escolher logo para fazer sua inscrição no processo seletivo.]

Mas será que essa decisão de Mariana era, de fato, uma *escolha*?

Certamente, decidir um curso é uma ação permeada por traços de personalidade e preferências pessoais. Mas, compreender a divisão dos cursos escolhidos passa por ver além do plano das escolhas individuais. Segundo Casagrande (2018), é também um processo com perspectiva sócio-histórica, em virtude do posicionamento da pessoa quanto a recortes de raça, geração e gênero.

É no turbulento período da adolescência que as escolhas do curso são feitas, e muitas vezes, baseiam-se em estereótipos existentes ou em exemplos familiares (LEITE; OLIVEIRA; SILVA. 2020, p. 293).



[Mas será que essa decisão de Mariana era, de fato, uma escolha?

Certamente, decidir um curso é uma ação permeada por traços de personalidade e preferências pessoais. Mas, compreender a divisão dos cursos escolhidos passa por ver além do plano das escolhas individuais. Segundo Casagrande (2018), é também um processo com perspectiva sócio-histórica, em virtude do posicionamento da pessoa quanto a recortes de raça, geração e gênero.

É no turbulento período da adolescência que as escolhas do curso são feitas, e muitas vezes, baseiam-se em estereótipos existentes ou em exemplos familiares (LEITE; OLIVEIRA; SILVA. 2020, p. 293).]



[Ajude Mariana a definir o curso para fazer sua inscrição e conheça um pouco dos efeitos dessa escolha

Curso na área da saúde e cuidado

Curso na área da tecnologia da informação]



Feita a opção, ela podia seguir em frente e fazer sua inscrição para o processo seletivo dos cursos integrados.

Ela ficou ansiosa para saber se conseguiria entrar no curso.

No entanto, algumas questões a preocupavam, como a desvalorização salarial e o peso da jornada dupla de trabalho.

[Feita a opção, ela podia seguir em frente e fazer sua inscrição para o processo seletivo dos cursos integrados.

Ela ficou ansiosa para saber se conseguiria entrar no curso.

No entanto, algumas questões a preocupavam, como a desvalorização salarial e o peso da jornada dupla de trabalho.]

A percepção de Mariana sobre a questão salarial faz sentido, já que “as profissões marcadamente femininas são tipicamente desvalorizadas no mercado de trabalho” (Olinto p. 70). Ocorre que as mulheres, em geral, recebem cerca de 3/4 do que os homens recebem. No ensino superior a diferença é ainda maior (os salários delas foram 63,4% do salários deles, **em 2016, segundo o IBGE**).

Parte desta diferença é explicada pela opção do trabalho parcial como uma saída encontrada por mulheres que tentam conciliar o trabalho remunerado com os afazeres domésticos e de cuidados. Muitas mulheres acabam optando por carreiras que sejam “a extensão do cuidado”, e que possibilitem “conciliar carreira e família” (LEITE, OLIVEIRA; SILVA, 2020, p. 292). Essa situação poderia ser diferente com uma distribuição mais equânime das responsabilidades e com políticas públicas que dessem suporte às necessidades de reprodução social.

Os dados de 2016 (IBGE) mostram que são as mulheres negras que mais se ocupam por tempo parcial. É importante perceber que a experiência feminina não é homogênea. Os “constrangimentos materiais e ideológicos que se impõe às mulheres variam e são vivenciados de maneiras diversificadas”, levando-se em consideração a classe social, a raça, e a sexualidade. (Biroli, 2018, p. 37).

“Apesar das transformações na posição relativa das mulheres no exercício do trabalho remunerado fora de casa, elas continuam a dedicar muito mais tempo do que os homens às tarefas domésticas e, por outro lado, a ter rendimentos bem menores que os deles na esfera pública. Há conexões entre um e outro desses problemas: a dedicação às tarefas domésticas se faz ao longo da vida, desde a infância. O tempo a elas dedicado se reverte em competências necessárias à reprodução da vida, mas pouco valorizadas na dinâmica de mercado” (Biroli, 2018, p. 65).



[A percepção de Mariana sobre a questão salarial faz sentido, já que “as profissões marcadamente femininas são tipicamente desvalorizadas no mercado de trabalho” (Olinto p. 70). Ocorre que as mulheres, em geral, recebem cerca de 3/4 do que os homens recebem. No ensino superior a diferença é ainda maior (os salários delas foram 63,4% do salários deles, em 2016, segundo o IBGE).

Parte desta diferença é explicada pela opção do trabalho parcial como uma saída encontrada por mulheres que tentam conciliar o trabalho remunerado com os afazeres domésticos e de cuidados. Muitas mulheres acabam optando por carreiras que sejam “a extensão do cuidado”, e que possibilitem “conciliar carreira e família” (LEITE, OLIVEIRA; SILVA, 2020, p. 292). Essa situação poderia ser diferente com uma distribuição mais equânime das responsabilidades e com políticas públicas que dessem suporte às necessidades de reprodução social.

Os dados de 2016 (IBGE) mostram que são as mulheres negras que mais se ocupam por tempo parcial. É importante perceber que a experiência feminina não é homogênea. Os “constrangimentos materiais e ideológicos que se impõe às mulheres variam e são vivenciados de maneiras diversificadas”, levando-se em consideração a classe social, a raça, e a sexualidade. (Biroli, 2018, p. 37)

“Apesar das transformações na posição relativa das mulheres no exercício do trabalho remunerado fora de casa, elas continuam a dedicar muito mais tempo do que os homens às tarefas domésticas e, por outro lado, a ter rendimentos bem menores que os deles na esfera pública. Há conexões entre um e outro desses problemas: a dedicação às tarefas domésticas se faz ao longo da vida, desde a infância. O tempo a elas dedicado se reverte em competências necessárias à reprodução da vida, mas pouco valorizadas na dinâmica de mercado” (Biroli, 2018, p. 65)]



Feita a opção, ela podia seguir em frente e fazer sua inscrição para o processo seletivo dos cursos integrados.

Ela ficou ansiosa para saber se conseguiria entrar no curso.

No entanto, algumas questões a preocupavam, como o receio de não dar conta dos conteúdos, ter que se provar para obter respeito dos seus pares.

[Feita a opção, ela podia seguir em frente e fazer sua inscrição para o processo seletivo dos cursos integrados.

Ela ficou ansiosa para saber se conseguiria entrar no curso.

No entanto, algumas questões a preocupavam, como o receio de não dar conta dos conteúdos, ter que se provar para obter respeito dos seus pares.]

É compreensível que Mariana tivesse essas preocupações. O mundo em geral vê a mulher como “um ser mais dócil, passivo, afetivo, emotivo, paciente, delicado, solidário, voltado para as relações entre as pessoas, ao cuidado, à maternidade e à beleza”, enquanto o homem é visto como detentor de uma natureza “agressiva, competitiva, racional, objetiva, de maior força física e voltada para a liderança e o mando” (LUZ; GITAHY, 2016, p. 60-61). Estes estereótipos, indiretamente, associam a racionalidade e objetividade como características masculinas, afastando as mulheres.

Sentir-se insegura quanto à sua capacidade não é exclusividade de Mariana. Assim como ela, muitas meninas desconfiam de suas habilidades nas ciências exatas. Um conceito que ajuda a entender o sentimento de Mariana é o de autoeficácia, “no qual as próprias meninas se consideram menos capazes que os meninos” (AIRES, J.; et al, 2018, p. 23). Isso se reflete até mesmo na baixa proporção de meninas em determinados cursos.

Porém, “o exercício da ciência, assim como o desempenho escolar, está longe de indicar diferenças significativas entre os sexos e sugerir habilidades específicas inerentes a homens e mulheres” (Olinto, 2011, p.70).

Subverter as expectativas e ocupar espaços presumidamente masculinos (e possivelmente hostis) pode requerer um significativo esforço feminino.

Lima (2013), estudando a inserção de mulheres no campo da ciência da computação, observou a percepção dos entrevistados de que “a mulher precisa de um esforço adicional para provar que tem a mesma competência que os seus pares masculinos, algo que não é igualmente cobrado dos homens.” (LIMA, 2013, p. 810).



[É compreensível que Mariana tivesse essas preocupações. O mundo em geral vê a mulher como “um ser mais dócil, passivo, afetivo, emotivo, paciente, delicado, solidário, voltado para as relações entre as pessoas, ao cuidado, à maternidade e à beleza”, enquanto o homem é visto como detentor de uma natureza “agressiva, competitiva, racional, objetiva, de maior força física e voltada para a liderança e o mando” (LUZ; GITAHY, 2016, p. 60-61). Estes estereótipos, indiretamente, associam a racionalidade e objetividade como características masculinas, afastando as mulheres.

Sentir-se insegura quanto à sua capacidade não é exclusividade de Mariana. Assim como ela, muitas meninas desconfiam de suas habilidades nas ciências exatas. Um conceito que ajuda a entender o sentimento de Mariana é o de autoeficácia, “no qual as próprias meninas se consideram menos capazes que os meninos” (AIRES, J.; et al, 2018, p. 23). Isso se reflete até mesmo na baixa proporção de meninas em determinados cursos.

Porém, “o exercício da ciência, assim como o desempenho escolar, está longe de indicar diferenças significativas entre os sexos e sugerir habilidades específicas inerentes a homens e mulheres” (Olinto, 2011, p.70).

Subverter as expectativas e ocupar espaços presumidamente masculinos (e possivelmente hostis) pode requerer um significativo esforço feminino.

Lima (2013), estudando a inserção de mulheres no campo da ciência da computação, observou a percepção dos entrevistados de que “a mulher precisa de um esforço adicional para provar que tem a mesma competência que os seus pares masculinos, algo que não é igualmente cobrado dos homens.” (LIMA, 2013, p. 810).]



[Grande notícia! Enfim, Mariana foi aprovada e ingressaria no curso escolhido.
Agora inicia uma nova fase, como estudante do Instituto Federal.]

Aqui começa a experiência da Mariana no Instituto Federal e, com ela, inicia o período em que servidores técnicos e docentes atuarão diretamente na sua formação, acompanhando-a em sua trajetória como estudante do ensino médio integrado.

Conscientemente ou sem perceber, situações de discriminação e aprofundamento de estereótipos podem ocorrer nas instituições escolares. Pode-se assim reforçar a lógica da divisão sexual do trabalho e o seu reflexo na divisão dos estudantes nos cursos.

É necessário, porém, superar a naturalização dessa divisão (STANCKI, 2003), e aproveitar o potencial de debate e crítica. É preciso promover um ambiente de ensino mais democrático e equânime para meninos e meninas.



[Aqui começa a experiência da Mariana no Instituto Federal e, com ela, inicia o período em que servidores técnicos e docentes atuarão diretamente na sua formação, acompanhando-a em sua trajetória como estudante do ensino médio integrado.

Conscientemente ou sem perceber, situações de discriminação e aprofundamento de estereótipos podem ocorrer nas instituições escolares. Pode-se assim reforçar a lógica da divisão sexual do trabalho e o seu reflexo na divisão dos estudantes nos cursos.

É necessário, porém, superar a naturalização dessa divisão (STANCKI, 2003), e aproveitar o potencial de debate e crítica. É preciso promover um ambiente de ensino mais democrático e equânime para meninos e meninas.]

No primeiro dia de aula, ela estava cheia de expectativa e curiosidade. A ansiedade é normal ao iniciar uma nova fase, com mais responsabilidades, sonhos e desafios.

Para a instituição que a recebe, ficam questionamentos, como:

- Como evitar os estereótipos de gênero no ambiente escolar?
- O que fazer caso ocorram comentários ou piadas em virtude do curso escolhido?
- Como dar suporte para dificuldades acadêmicas e aumentar sua autoconfiança como estudante?
- Como promover um ambiente igualitário para todos os estudantes, quanto ao gênero?



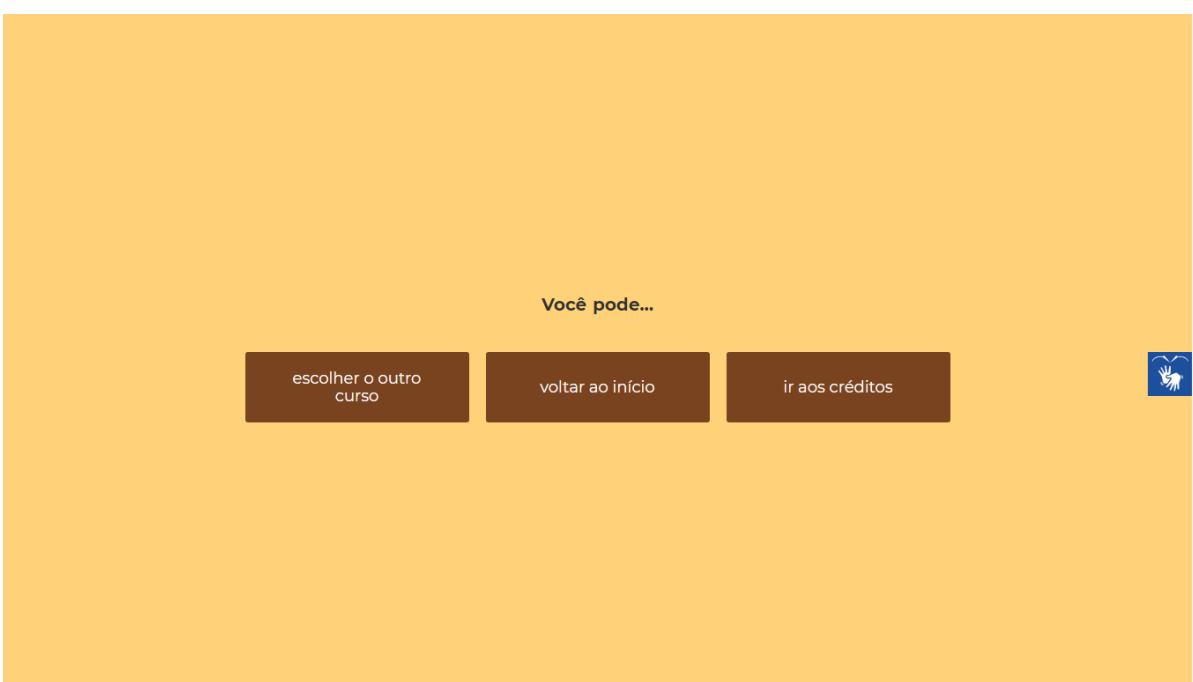
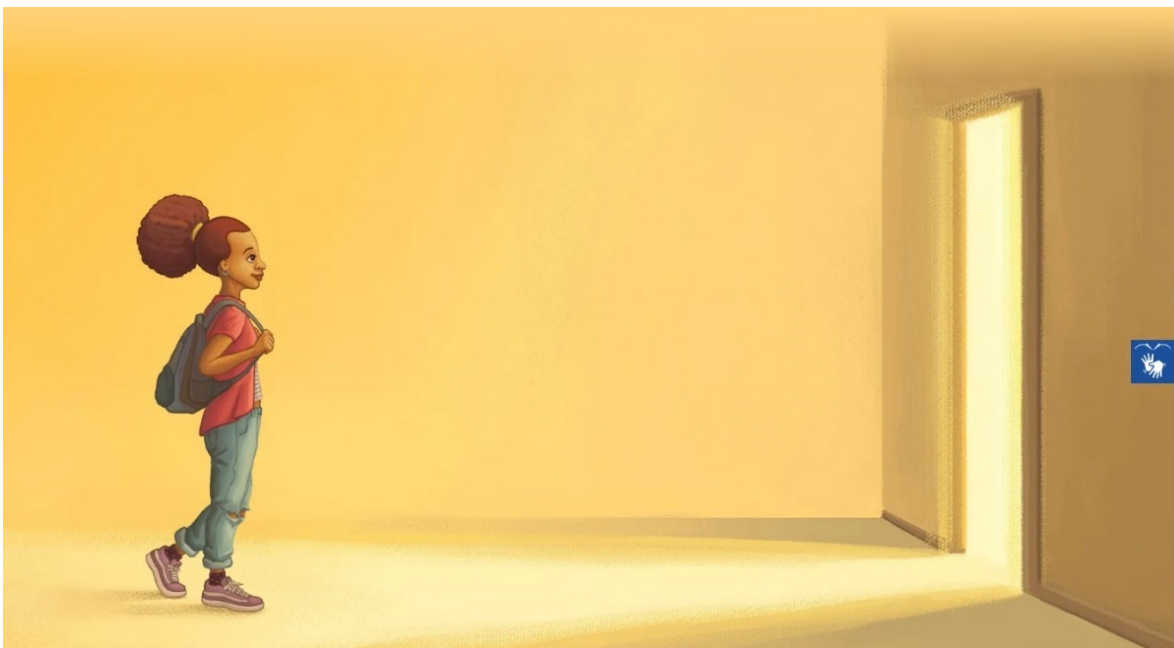
[No primeiro dia de aula, ela estava cheia de expectativa e curiosidade. A ansiedade é normal ao iniciar uma nova fase, com mais responsabilidades, sonhos e desafios.

Para a instituição que a recebe, ficam questionamentos, como:

- Como evitar os estereótipos de gênero no ambiente escolar?
 - O que fazer caso ocorram comentários ou piadas em virtude do curso escolhido?
 - Como dar suporte para dificuldades acadêmicas e aumentar sua autoconfiança como estudante?
 - Como promover um ambiente igualitário para todos os estudantes, quanto ao gênero?]
-



[Enfim... Que tipo de instituição receberá Mariana?]



[Você pode...

escolher o outro curso
voltar ao início
ir aos créditos]

Créditos

Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT - Blumenau

Mestranda: Carolina Fontoura Cartana
Orientador: Humberto Luis de Cesaro

Este produto educacional foi desenvolvido como parte da pesquisa de mestrado: Cursos para homens e cursos para mulheres: a divisão sexual do trabalho e a educação profissional de nível médio no IFC.

Esta página de internet, em formato storytelling, reúne alguns conceitos sobre a divisão sexual do trabalho, relacionados à escolha de cursos de ensino médio integrado no Instituto Federal. A reprodução e divulgação deste trabalho é permitida para fins de estudo e de pesquisa, desde que a fonte seja citada.

Ilustrações: Tharso Duarte (<https://tharsoduarte.com/>).

Desenvolvimento: Mateus Ávila (<https://mateusavila.com.br>).

Tradução em Libras: Núcleo Bilíngue do IFC (Angella Aparecida Ferreira Velho De Mendonca, Cristiane Aparecida Lissak, Dominique Calixto Martins, Mara Rubian Matteussi Garcia Kortelt, Ramon Silva Da Cunha e Samara dos Santos)

Orientações quanto à audiodescrição de imagens: Luana Tillmann.

C322	<p>Cartana, Carolina Fontoura A escolha de Mariana / Carolina Fontoura Cartana ; orientação: Humberto Luis de Cesaro. – 2020.</p> <p>Disponível somente na versão eletrônica. Produto Educacional (Mestrado) – Instituto Federal Catarinense, Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Campus Blumenau.</p> <p>1. Ensino profissional. 2. Ensino médio. 3. Identidade de gênero. I. Cesaro, Humberto Luis de. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD (23. ed.) 373.246</p>
------	---

Ficha catalográfica elaborada por Deisi Martignago - Bibliotecária CRB 14/726

[Créditos

Produto educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT - Blumenau

Mestranda: Carolina Fontoura Cartana

Orientador: Humberto Luis de Cesaro

Este produto educacional foi desenvolvido como parte da pesquisa de mestrado: Cursos para homens e cursos para mulheres: a divisão sexual do trabalho e a educação profissional de nível médio no IFC.

Esta página de internet, em formato storytelling, reúne alguns conceitos sobre a divisão sexual do trabalho, relacionados à escolha de cursos de ensino médio integrado no Instituto Federal.

A reprodução e divulgação deste trabalho é permitida para fins de estudo e de pesquisa, desde que a fonte seja citada.

Ilustrações: Tharso Duarte (<https://tharsoduarte.com/>).

Desenvolvimento: Mateus Ávila (<https://mateusavila.com.br>).

Tradução em Libras: Núcleo Bilíngue do IFC (Angella Aparecida Ferreira Velho De Mendonca, Cristiane Aparecida Lissak, Dominique Calixto Martins, Mara Rubian Matteussi Garcia Kortelt, Ramon Silva Da Cunha e Samara dos Santos)

Ficha catalográfica

Referências

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago, 2015.

BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social? *Revista outubro*, São Paulo, Edição 32, p. 99-113, set. 2019. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/09/04_Bhattacharya.pdf. Acesso em 02 jul 2020.

BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

DUARTE, Giovana; SPINELLI, Letícia Machado. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. *Revista Sociais & Humanas*, Santa Maria, vol. 32, nº 2, 2019.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.

IBGE. Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em 02 jul 2020.

ENSINO Federal no Brasil é de excelência. Instituto Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/ensino-federal-no-brasil-excelencia/>. Acesso em: 01 jul 2020.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. p. 67-75.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, Dez. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 14 out 2018.



LEITE, Matildes Francisca Pinto; OLIVEIRA, Marcela dos Santos; SILVA, Everton Melo. Gênero, Escolhas Profissionais e Estereótipos Sexistas. *Revista FSA. Teresina*, v. 17, n. 1, art. 14, p. 281-305, jan. 2020.

LUZ, Nanci Stancki da; GITAHY, Leda. Divisão sexual do trabalho e profissões científicas e tecnológicas no Brasil. In: LUZ, Nanci Stancki da; CASAGRANDE, Lindamir Salete (org.). *Entrelaçando gênero e diversidade: matizes da divisão sexual no trabalho*. Curitiba: Ed. UTFPR, 2016.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. *Inc. Soc., Brasília*, DF, v. 5 n. 1, p.68-77, jul./dez. 2011.

[Referências

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago, 2015.

BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social? *Revista outubro*, São Paulo, Edição 32, p. 99-113, set. 2019. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2019/09/04_Bhattacharya.pdf. Acesso em 02 jul 2020.

BIROLI, Flávia. *Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

DUARTE, Giovana; SPINELLI, Letícia Machado. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. *Revista Sociais & Humanas*, Santa Maria, vol. 32, nº 2, 2019.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Org.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.

IBGE. Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em 02 jul 2020.

ENSINO Federal no Brasil é de excelência. Instituto Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/ensino-federal-no-brasil-excelencia/>. Acesso em: 01 jul 2020.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009. p. 67-75.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, Dez. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso em 14 out 2018.

LEITE, Matildes Francisca Pinto; OLIVEIRA, Marcela dos Santos; SILVA, Everton Melo. Gênero, Escolhas Profissionais e Estereótipos Sexistas. *Revista FSA. Teresina*, v. 17, n. 1, art. 14, p. 281-305, jan. 2020.

LUZ, Nanci Stancki da; GITAHY, Leda. Divisão sexual do trabalho e profissões científicas e tecnológicas no Brasil. In: LUZ, Nanci Stancki da; CASAGRANDE, Lindamir Salete (org.). *Entrelaçando gênero e diversidade: matizes da divisão sexual no trabalho*. Curitiba: Ed. UTFPR, 2016.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. *Inc. Soc., Brasília*, DF, v. 5 n. 1, p.68-77, jul./dez. 2011.]

APÊNDICE B – QUADROS DE LEVANTAMENTO DOS CURSOS COM MAIOR PREVALÊNCIA MASCULINA E FEMININA NA INSTITUIÇÃO

Dados de 2018 - Plataforma Nilo Peçanha

Total de estudantes: 6.200 no ensino médio integrado do IFC

Do sexo feminino: 2.846 (45,6%)

Do sexo masculino: 3.354 (53,3%)

Distribuição por eixos tecnológicos

Eixo	Feminino	Masculino	Total	Porcentagem feminina	Porcentagem masculina
Ambiente e Saúde	70	68	138	50,72%	49,28%
Controle e Processos Industriais	184	507	691	26,63%	73,37%
Gestão e Negócios	183	127	310	59,03%	40,97%
Informação e Comunicação	623	1136	1759	35,42%	64,58%
Produção Alimentícia	70	27	97	72,16%	27,84%
Produção Industrial	217	117	334	64,97%	35,03%
Recursos Naturais	1068	1172	2240	47,68%	52,32%
Segurança	140	35	175	80,00%	20,00%
Turismo, Hospitalidade e Lazer	291	165	456	63,82%	36,18%

Distribuição por cursos

Curso	Campus	Eixo Tecnológico	% mulheres	% homens
Administração	Ibirama	Gestão e Negócios	56,03%	43,97%
Administração	São Francisco do Sul	Gestão e Negócios	60,82%	39,18%
Agroecologia	Rio do Sul (Sede)	Recursos Naturais	58,16%	41,84%
Agropecuária	Abelardo Luz	Recursos Naturais	32,56%	67,44%
Agropecuária	Concórdia	Recursos Naturais	38,83%	61,17%
Agropecuária	Rio do Sul (Sede)	Recursos Naturais	39,22%	60,78%
Agropecuária	Santa Rosa do Sul	Recursos Naturais	47,10%	52,90%
Agropecuária	Camboriú	Recursos Naturais	48,89%	51,11%
Agropecuária	Araquari	Recursos Naturais	59,33%	40,67%
Agropecuária	Videira	Recursos Naturais	61,40%	38,60%
Alimentos	Concórdia	Produção Alimentícia	72,16%	27,84%
Automação Industrial	São Francisco do Sul	Controle e Processos Industriais	20,45%	79,55%
Automação Industrial	São Bento do Sul	Controle e Processos Industriais	20,78%	79,22%
Automação Industrial	Luzerna	Controle e Processos Industriais	28,87%	71,13%
Controle Ambiental	Camboriú	Ambiente e Saúde	50,72%	49,28%
Eletroeletrônica	Videira	Controle e Processos Industriais	29,41%	70,59%
Eletromecânica	Blumenau	Controle e Processos Industriais	24,85%	75,15%
Guia de Turismo	São Francisco do Sul	Turismo, Hospitalidade e Lazer	63,54%	36,46%

Hospedagem	Camboriú	Turismo, Hospitalidade e Lazer	62,92%	37,08%
Hospedagem	Sombrio	Turismo, Hospitalidade e Lazer	65,83%	34,17%
Informática	Camboriú	Informação e Comunicação	20,29%	79,71%
Informática	Ibirama	Informação e Comunicação	28,10%	71,90%
Informática	Brusque	Informação e Comunicação	31,25%	68,75%
Informática	Sombrio	Informação e Comunicação	33,75%	66,25%
Informática	Araquari	Informação e Comunicação	35,87%	64,13%
Informática	Blumenau	Informação e Comunicação	36,19%	63,81%
Informática	Rio do Sul (Unidade Urbana)	Informação e Comunicação	36,26%	63,74%
Informática	Fraiburgo	Informação e Comunicação	44,61%	55,39%
Informática	Videira	Informação e Comunicação	47,37%	52,63%
Informática	São Bento do Sul	Informação e Comunicação	55,00%	45,00%
Informática para internet	Concórdia	Informação e Comunicação	16,67%	83,33%
Mecânica	Luzerna	Controle e Processos Industriais	35,00%	65,00%
Química	Brusque	Produção Industrial	57,02%	42,98%
Química	Araquari	Produção Industrial	59,86%	40,14%
Segurança do trabalho	Luzerna	Segurança	78,72%	21,28%
Segurança do trabalho	São Bento do Sul	Segurança	81,48%	18,52%
Vestuário	Ibirama	Produção Industrial	88,73%	11,27%

Campi com diferenças mais significativas (acima da proporção 70%-30% de alunos de cada gênero em cursos “masculinos” e “femininos”):

Campus	Cursos	% mulheres	% homens
Concórdia	Alimentos	72,16%	27,84%
	Informática para internet	16,67%	83,33%
Ibirama	Vestuário	88,73%	11,27%
	Informática	28,10%	71,90%
Luzerna	Segurança do trabalho	78,72%	21,28%
	Automação Industrial	28,87%	71,13%
São Bento do Sul	Segurança do trabalho	81,48%	18,52%
	Automação Industrial	20,78%	79,22%

APÊNDICE C – ROTEIRO UTILIZADO PARA AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Para os(as) coordenadores(as) de curso:

- Há quanto tempo é coordenador deste curso?
- A que atribui a procura maior de meninos ou de meninas nesse curso?
- Percebe alguma dificuldade ou tratamento diferenciado enfrentados pelos estudantes do sexo minoritário?
- Você acha que existem disciplinas mais fáceis para meninas e mais fáceis para meninos? Por que?
- Qual sua opinião sobre a forma como a instituição lida as diferenças de gênero entre os estudantes?
- O que poderia ser feito para estimular o maior ingresso do sexo minoritário?
- O que poderia ser feito para oferecer melhores condições de permanência?
- Qual a expectativa quanto aos egressos de cada gênero no mercado de trabalho, depois da formação oferecida no IFC?

Para servidores(as) do atendimento ao estudante

- Há quanto tempo você trabalha no setor atendimento ao estudante do *campus*?
- A que atribui a procura maior de meninos ou de meninas nos cursos majoritariamente masculinos e femininos no campus?
- Percebe alguma dificuldade ou tratamento diferenciado enfrentados pelos estudantes do sexo minoritário?
- Você acha que existem disciplinas mais fáceis para meninas e mais fáceis para meninos? Por que?
- Qual sua opinião sobre a forma como a instituição lida as diferenças de gênero entre os estudantes?
- O que poderia ser feito para estimular o maior ingresso do sexo minoritário?
- O que poderia ser feito para oferecer melhores condições de permanência?
- Qual a expectativa quanto aos egressos de cada gênero no mercado de trabalho, depois da formação oferecida no IFC?

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA ENTREVISTAS)

Prezado participante,

Gostaria de **convidar você** a participar como voluntário (a) da pesquisa **“Cursos para homens e cursos para mulheres: a divisão sexual do trabalho e a educação profissional de nível médio”**, realizada para o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), sob orientação do Professor Doutor Humberto Luis de Cesaro. Por meio desta pesquisa pretendo compreender como se manifesta a divisão sexual do trabalho na percepção dos servidores envolvidos nos cursos de ensino médio integrado do IFC.

A sua participação se deve ao fato de ser servidor que atua no ensino ou atendimento aos estudantes matriculados em cursos majoritariamente masculinos ou majoritariamente femininos, no Ensino Médio Integrado (EMI) no Instituto Federal Catarinense - Campus _____, que é tema de interesse deste estudo.

Caso você concorde em participar, será realizada entrevista semiestruturada sobre o tema da pesquisa. A entrevista será gravada em áudio e posteriormente transcrita e analisada por mim.

Esta pesquisa tem alguns riscos, como: tomar seu tempo ao responder à entrevista; cansaço ou aborrecimento ao responder à entrevista; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio; invasão de privacidade; responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, sexualidade; revitimizar e perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões realizadas; divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE). Para diminuir a chance desses riscos acontecerem, serão tomadas as seguintes providências: garantia de acesso aos resultados individuais e coletivos; garantia de local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; esforço para realizar a entrevista no tempo mais breve possível para responder aos objetivos da pesquisa; garantia de que a pesquisadora seja habilitada ao método de coleta dos dados; a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto; assegura-se o direito à negar a utilização de gravadores; assegura-se a privacidade, uma vez que os participantes não serão identificados; garantir a não violação e a integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras); garantir o respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos do participante.

A pesquisa pode promover o questionamento aos padrões estabelecidos de profissões para homens e profissões para mulheres, e contribuir para a igualdade de gênero. Mas não há previsão de benefícios pessoais diretos.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano decorrente da pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade.

Os pesquisadores serão os únicos a ter acesso aos dados e tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo. Seu nome ou o material que

indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Apesar de todos os esforços, o sigilo pode eventualmente ser quebrado de maneira involuntária e não intencional, cujas consequências serão tratadas nos termos da lei.

Os resultados da pesquisa originarão um artigo e um produto educacional como requisito para conclusão do mestrado. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, ela avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação, utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Instituto Federal Catarinense (IFC). O Comitê tem por objetivo assegurar os interesses dos sujeitos participantes de pesquisas científicas, em sua integridade e dignidade. Caso persistam dúvidas, sugestões e/ou denúncias após os esclarecimentos dados pela equipe científica desta pesquisa, o Comitê estará disponível para atendê-lo.

Dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável: Carolina Fontoura Cartana E-mail: carolinacartana@gmail.com Telefone: (47) 98401-2807 Endereço: Rua Iguape, 88 apartamento 1001 Itoupava Seca - Blumenau/SC	Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do IFC: Fone: (47) 3331-7800 E-mail cepsh@ifc.edu.br
--	--

Declaro li este documento e obtive da pesquisadora todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido(a) e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa.

Assinatura do Pesquisador Responsável Carolina Fontoura Cartana	Assinatura do participante Nome:
--	-------------------------------------

_____, _____ de _____ de 20

APÊNDICE E – BRIEFING PARA PRODUÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES DA PÁGINA

Por que?

O desenvolvimento do site em questão responde à exigência de elaboração de um produto educacional para o programa de mestrado da cliente.

Cliente

Carolina Fontoura Cartana, estudante de mestrado em educação profissional e tecnológica, no Instituto Federal Catarinense. Servidora da mesma instituição.

Ideia geral do site

Objetivo de promover a reflexão sobre divisão sexual do trabalho. O conteúdo deve ser em fluxo contínuo, em uma única página. A ideia é um material formativo sobre o tema, que sirva como uma “pulga atrás da orelha” do usuário e estimule a conscientização sobre temas como “divisão sexual do trabalho”, “trabalho reprodutivo/ trabalho de reprodução social”, “estereótipos de gênero”, entre outros. São cerca de 35 páginas contínuas para navegação. As páginas intercalam a história da personagem com páginas sobrepostas com conteúdo teórico. O conteúdo já está definido.

A que público se destina?

Adultos - Principalmente docentes e servidores técnicos do Instituto Federal Catarinense, com finalidade formativa. Será enviado aos membros dos Núcleos de Estudos de Gênero e Sexualidade do IFC, e que ocasionalmente há estudantes participantes. Os sujeitos da pesquisa receberão um formulário de avaliação juntamente ao acesso ao site.

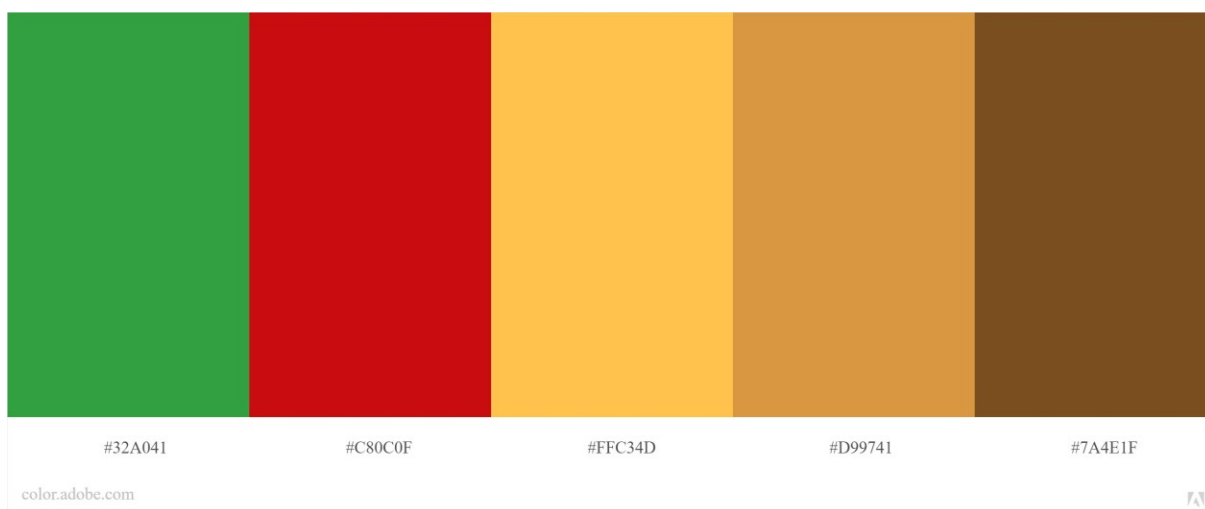
Estruturação do projeto

Conteúdo conforme texto disponibilizado.

A maioria dos usuários verão o site em tela de computador, já que é dirigido aos servidores docentes e técnicos do IF. Mas tem que ser possível também vê-lo em telas menores, como celular.

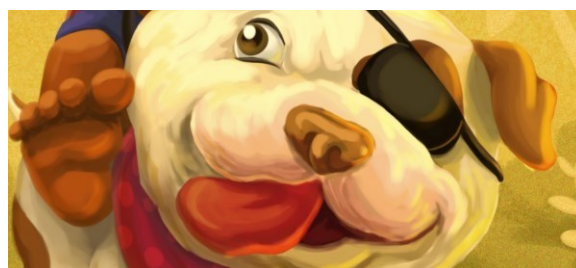
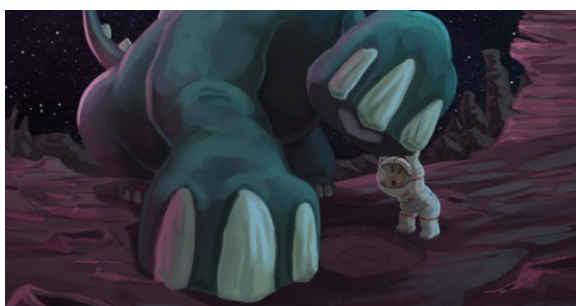
*Manual de identidade visual do IF (para a marca, no laboratório).
<https://cecom.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/17/2018/11/Manual-de-Identidade-Visual-do-IFC-ATUALIZADO.pdf>*

Paleta: As cores exatas da marca do IF são as duas primeiras:



Tipo de textura

Mais ou menos esse tipo:



Proporções das figuras humanas

No rosto, olhos grandes. No restante, proporções corporais mais realistas, não tão infantis. O público é adulto e alguns adolescentes. Referências de proporção para o rosto...



APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL)

Prezado(a) participante do Neges,

Convido você a participar da pesquisa “Cursos para homens e cursos para mulheres: a divisão sexual do trabalho e a educação profissional de nível médio”, realizada para o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), sob orientação do Professor Dr. Humberto Luis de Cesaro. A pesquisa tem por objetivo compreender como se manifesta a divisão sexual do trabalho na percepção dos servidores envolvidos nos cursos de ensino médio integrado do IFC. Para isso, o participante conhecerá o produto educacional “A escolha de Mariana” (página na internet) e responderá ao questionário de avaliação, com as suas impressões sobre a página. O convite deve-se à sua participação no Núcleo de Gênero e Sexualidade de uma unidade do IFC, que se relaciona ao tema de interesse do estudo. A sua participação tem alguns riscos, como: tomar seu tempo; cansaço ou aborrecimento ao responder; desconforto; responder a questões sensíveis. Buscarei evitá-los ao máximo, tomando as seguintes providências: garantia de acesso público aos resultados e assegurar a privacidade (os participantes não serão identificados). Não há previsão de benefícios pessoais diretos na participação deste estudo. Para participar você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se tiver algum dano decorrente da pesquisa, você tem direito a indenização. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade. As informações serão usadas somente para os fins acadêmicos e científicos. Os resultados da pesquisa originarão um artigo como requisito para conclusão do mestrado. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Instituto Federal Catarinense (IFC). O Comitê tem por objetivo assegurar os interesses dos sujeitos participantes de pesquisas científicas, em sua integridade e dignidade. Caso persistam dúvidas, sugestões e/ou denúncias após os esclarecimentos dados pela equipe científica desta pesquisa, o Comitê estará disponível para atendê-lo. Dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável: Carolina Fontoura Cartana; E-mail: carolinacartana@gmail.com; Telefone: (47) 98401-2807; Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do IFC: Fone: (47) 3331-7800 E-mail cepsh@ifc.edu.br

Concordo em participar.

Discordo.

APÊNDICE G – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Avaliação do produto educacional "A escolha de Mariana" - página de internet

A) Acesse a página através do endereço eletrônico:
<https://mariana.mateusavila.com.br/>

Já li a página

B) Após a navegação, você pode responder ao questionário, atribuindo nota de 1 a 5, em que 1 significa 'não atingiu o objetivo em nenhum grau' e 5 significa que 'atingiu completamente o objetivo'.

1) Há clareza na apresentação do conteúdo da página? *

1 2 3 4 5

Observações e comentários sobre a questão 1.

2) O conteúdo da página contribui para a reflexão sobre a prevalência de meninos e meninas em diferentes cursos do ensino médio integrado? *

1 2 3 4 5

Observações e comentários sobre a questão 2.

3) O material proposto estimula o questionamento sobre características e ocupações consideradas masculinas e femininas? *

1 2 3 4 5

Observações e comentários sobre a questão 3.

4) Através da navegação na página é possível compreender o que é a divisão sexual do trabalho? *

1 2 3 4 5

Observações e comentários sobre a questão 4.

5) Fica evidenciada na página a importância de buscar um ambiente mais equânime quanto ao gênero, na instituição? *

1 2 3 4 5

Observações e comentários sobre a questão 5.

6) O conteúdo da página pode estimular engajamento para contrapor-se a preconceitos e atitudes que reforcem estereótipos de gênero? *

1 2 3 4 5

Observações e comentários sobre a questão 6.

7) O objetivo da página fica evidente? *

1 2 3 4 5

Observações e comentários sobre a questão 7.

8) O referencial teórico está de acordo com o conteúdo e denota domínio do conhecimento? *

1 2 3 4 5

Observações e comentários sobre a questão 8.

9) A página possui navegação intuitiva (é possível interagir com a página facilmente)? *

1 2 3 4 5

Observações e comentários sobre a questão 9.

10) O material é atrativo, envolvendo e cativando o usuário? *

1 2 3 4 5

Observações e comentários sobre a questão 10.

Na sua opinião, o IFC está preparado para receber os estudantes no que se refere às questões de gênero? Por quê? (Se possível, dê exemplos).

Considerações e sugestões de melhoria.

Análise do site, do conteúdo, inclusive de suas potencialidades e problemas encontrados, limitações e sugestões para melhorias.

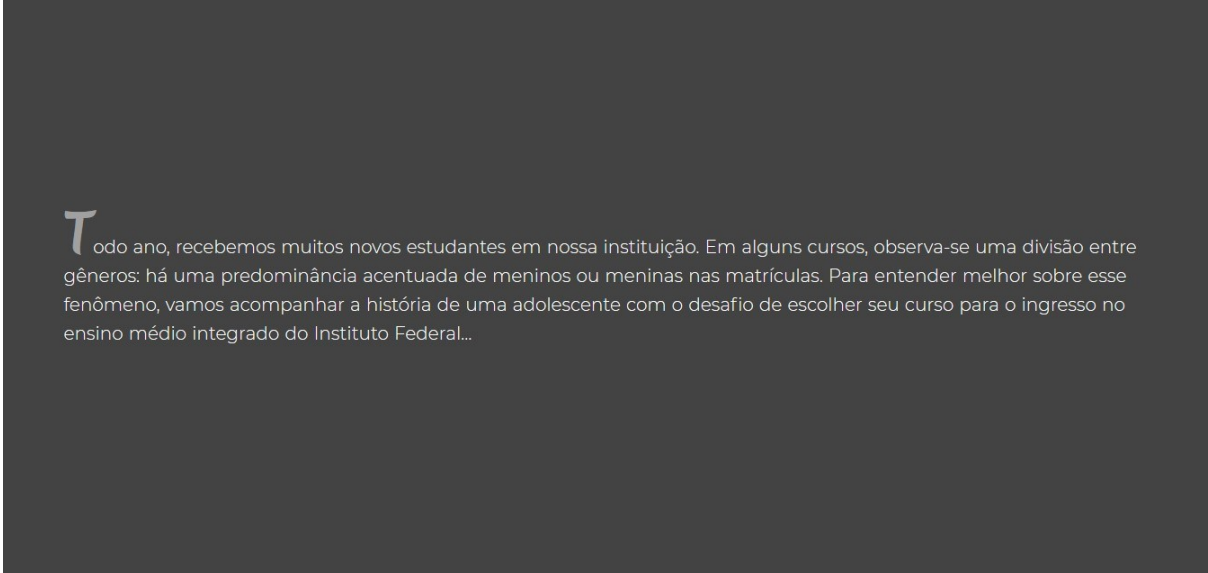
APÊNDICE H – PROPOSTA DE ADEQUAÇÃO QUANTO AO PÚBLICO DA PÁGINA A ESCOLHA DE MARIANA

Aqui proponho algumas alterações pontuais em resposta ao que foi indicado pelos avaliadores do produto educacional, conforme descrito na seção “Resultados e discussões”, tratando da avaliação dos usuários. As alterações propostas ficariam no início da página, para direcionar e identificar o público, e também ao final dela, enfatizando a responsabilidade dos servidores.

1) Ao início da página

Onde se lê:

Todo ano, recebemos muitos novos estudantes em nossa instituição. Em alguns cursos, observa-se uma divisão entre gêneros: há uma predominância acentuada de meninos ou meninas nas matrículas. Para entender melhor sobre esse fenômeno, vamos acompanhar a história de uma adolescente com o desafio de escolher seu curso para o ingresso no ensino médio integrado do Instituto Federal...



Todo ano, recebemos muitos novos estudantes em nossa instituição. Em alguns cursos, observa-se uma divisão entre gêneros: há uma predominância acentuada de meninos ou meninas nas matrículas. Para entender melhor sobre esse fenômeno, vamos acompanhar a história de uma adolescente com o desafio de escolher seu curso para o ingresso no ensino médio integrado do Instituto Federal...

Leia-se:

A cada ano nós, docentes e técnicos administrativos do Instituto Federal, nos preparamos para receber muitos novos estudantes em nossa instituição.

Em alguns cursos, observa-se uma divisão entre gêneros: há uma predominância acentuada de meninos ou meninas nas matrículas. Para entender melhor sobre esse fenômeno, vamos acompanhar a história de uma adolescente com o desafio de escolher seu curso para o ingresso no ensino médio integrado do Instituto Federal... **Vejamos também no que estas escolhas impactam em nosso trabalho.**

1) Ao final, no primeiro dia de aula

Onde se lê:

No primeiro dia de aula, ela estava cheia de expectativa e curiosidade. A ansiedade é normal ao iniciar uma nova fase, com mais responsabilidades, sonhos e desafios.

Para a instituição que a recebe, ficam questionamentos, como:

- Como evitar os estereótipos de gênero no ambiente escolar?
- O que fazer caso ocorram comentários ou piadas em virtude do curso escolhido?
- Como dar suporte para dificuldades acadêmicas e aumentar sua autoconfiança como estudante?
- Como promover um ambiente igualitário para todos os estudantes, quanto ao gênero?

No primeiro dia de aula, ela estava cheia de expectativa e curiosidade. A ansiedade é normal ao iniciar uma nova fase, com mais responsabilidades, sonhos e desafios.

Para a instituição que a recebe, ficam questionamentos, como:

- Como evitar os estereótipos de gênero no ambiente escolar?
- O que fazer caso ocorram comentários ou piadas em virtude do curso escolhido?
- Como dar suporte para dificuldades acadêmicas e aumentar sua autoconfiança como estudante?
- Como promover um ambiente igualitário para todos os estudantes, quanto ao gênero?

Leia-se:

No primeiro dia de aula, ela estava cheia de expectativa e curiosidade. A ansiedade é normal ao iniciar uma nova fase, com mais responsabilidades, sonhos e desafios.

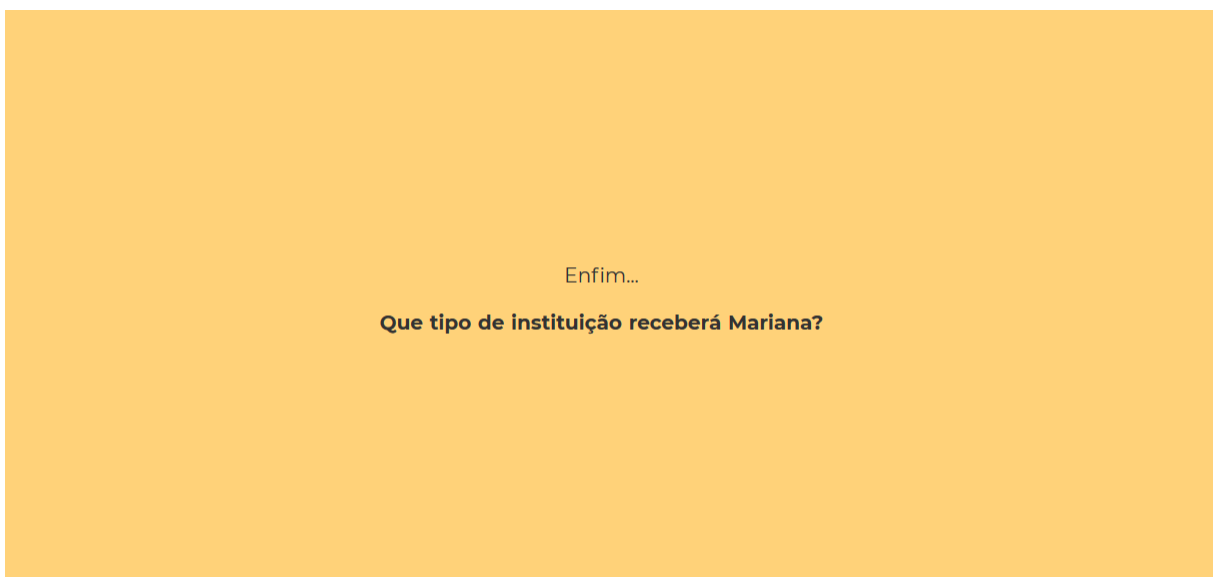
Para **nós, professores e corpo técnico da instituição, que a receberemos**, ficam questionamentos, como:

- Como evitar os estereótipos de gênero no ambiente escolar?
- O que fazer caso ocorram comentários ou piadas em virtude do curso escolhido?
- Como dar suporte para dificuldades acadêmicas e aumentar sua autoconfiança como estudante?
- Como promover um ambiente igualitário para todos os estudantes, quanto ao gênero?

2) No encerramento da página

E onde se lê:

Enfim... Que tipo de instituição receberá Mariana?



Leia-se:

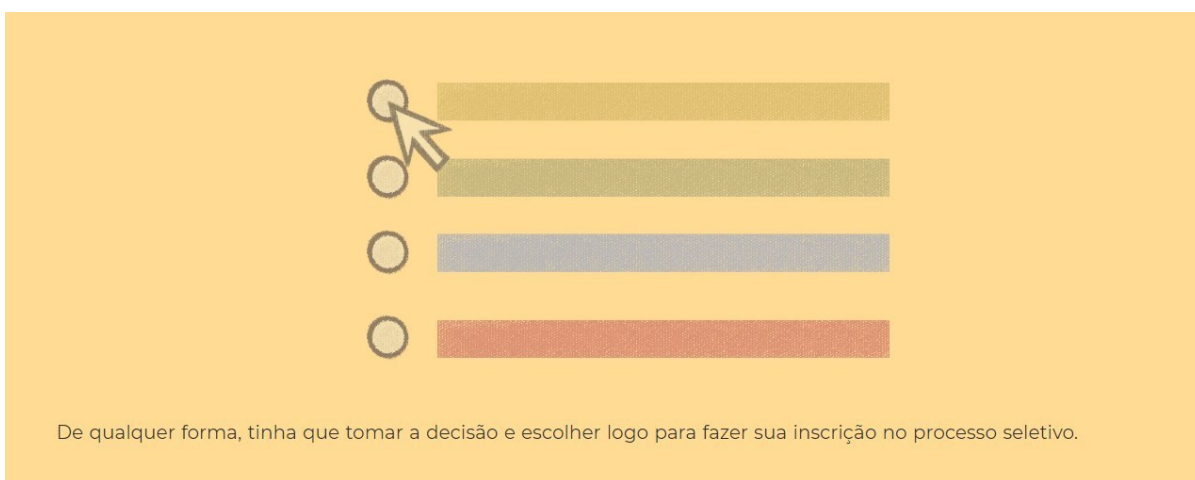
Enfim... A instituição que **nós trabalhamos para construir está preparada para receber Mariana?**

APÊNDICE I – PROPOSTA DE ADEQUAÇÃO QUANTO À POSSÍVEL NATURALIZAÇÃO DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA PÁGINA

Proponho uma alteração em resposta à um comentário de avaliação que indicava que página estaria tendendo a somente descrever os fatos, o que poderia levar à naturalização da divisão de meninos e meninas nos cursos. Levando em consideração o que apontei no texto sobre evitar acionar ideias preconcebidas de leitores quanto aos temas relativos ao gênero, pensei que seria salutar incluir alguns questionamentos da própria personagem. Ficaria após a apresentação das discussões sobre divisão sexual do trabalho e trabalho de reprodução social:

Onde se lê:

De qualquer forma, tinha que tomar a decisão e escolher logo para fazer sua inscrição no processo seletivo.



Leia-se:

Ela concluiu que estas ideias sobre o lugar reservado à homens e mulheres não eram justas. Não via sentido em fazer as coisas só porque "sempre foram assim". Ela queria tomar as decisões sobre a sua vida por si mesma.

De qualquer forma, tinha que tomar a decisão e escolher logo para fazer sua inscrição no processo seletivo.

**ANEXO A – PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM -
ILUSTRADOR THARSO DUARTE**



THARSO DUARTE







ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Cursos para homens e cursos para mulheres: a divisão sexual do trabalho e a educação profissional de nível médio

Pesquisador: Carolina Fontoura Cartana

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 16264619.2.0000.8049

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO CIENCIA E TECNOLOGIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.448.245

Apresentação do Projeto:

A presente proposta apresenta como objetivo “compreender como se manifesta a divisão sexual do trabalho na percepção dos servidores envolvidos nos cursos de ensino médio integrado do IFC. A pesquisa pode ser classificada como qualitativa e descritiva. Será utilizada a análise de conteúdo, conforme descrita por Bardin (1977). Para coleta dos dados será utilizada a entrevista semi-estruturada com os servidores envolvidos nos cursos de ensino médio integrado do IFC com maior proporção masculina e feminina nas matrículas (proporção maior de 70%): servidores técnicos dos setores de atendimento ao estudante e servidores docentes coordenadores dos cursos. Os campi em que serão realizadas entrevistas são: Concórdia, Ibirama, Luzerna e São Bento do Sul”. Destaca ainda que pretende-se, por meio das entrevistas, “verificar as percepções quanto aos motivos de haver menos homens ou mulheres nos cursos, se acreditam que há habilidades naturalmente femininas ou masculinas, se os estudantes de gênero menos numeroso no curso enfrentam algum tipo de barreira ou dificuldades na sua trajetória escolar e como a instituição vem lidando com tais questões. As entrevistas serão gravadas, transcritas e formatadas”. Depois da análise do conteúdo, será desenvolvido “um site em formato storytelling abordando o tema da divisão sexual do trabalho refletida nos cursos de nível médio integrado. Posteriormente à elaboração do site, sua aplicação se dará por meio da apresentação em um dos quatro campi citados anteriormente. A ideia é que o produto educacional possa favorecer no reconhecimento dos reflexos da divisão

Endereço: RUA JOAQUIM GARCIA SN - CAIXA POSTAL 2016

Bairro: CENTRO

CEP: 88.340-055

UF: SC

Município: CAMBORIU

Telefone: (47)2104-0882

E-mail: cepsh@ifc-camboriu.edu.br



Continuação do Parecer: 3.448.245

sexual do trabalho na instituição e contribuir para a sua compreensão como processo social e histórico e, por isso, passível de mudança”.

Objetivo da Pesquisa:

A proposta apresenta como Objetivo Primário: “Compreender como se manifesta a divisão sexual do trabalho na percepção dos servidores envolvidos nos cursos de ensino médio integrado do IFC”.

A proposta apresenta como Objetivos Secundários:

- Identificar como manifesta-se a divisão sexual do trabalho na percepção dos servidores que atuam no ensino e no atendimento aos estudantes dos cursos com maioria feminina e masculina no IFC;
- Conhecer como a instituição lida com os impactos da divisão sexual do trabalho nos cursos de maioria feminina e masculina no IFC; - Identificar se nos campi estudados a instituição favorece a legitimação da divisão sexual do trabalho ou contribui para sua alteração;
- Propor material de divulgação, problematização e conscientização quanto às relações entre divisão sexual do trabalho e educação profissional e tecnológica”.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Sobre os RISCOS, a pesquisadora afirma: “Os riscos desta pesquisa foram avaliados cuidadosamente, considerando seus possíveis impactos e as providências a tomar para evitá-los. Os riscos foram inseridos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que cada participante tenha clareza, antes de concordar com sua participação”. Por fim a pesquisadora lista os seguintes riscos: “tomar tempo do sujeito ao responder à entrevista; cansaço ou aborrecimento ao responder à entrevista; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio; invasão de privacidade; responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, sexualidade; revitimizar e perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados; Discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; Alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões realizadas; Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE)” Além disso, aponta que, para diminuir a chance desses riscos, serão tomadas como providências: “garantia de acesso aos resultados individuais e coletivos; garantia de local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; esforço

Endereço: RUA JOAQUIM GARCIA SN - CAIXA POSTAL 2016
Bairro: CENTRO **CEP:** 88.340-055
UF: SC **Município:** CAMBORIU
Telefone: (47)2104-0882 **E-mail:** cepsh@ifc-camboriu.edu.br



Continuação do Parecer: 3.448.245

para realizar a entrevista no tempo mais breve possível para responder aos objetivos da pesquisa; garantia de que a pesquisadora seja habilitada ao método de coleta dos dados; a pesquisadora estará atenta aos sinais verbais e não verbais de desconforto; assegura-se o direito a negar a utilização de gravadores; assegura-se a privacidade, uma vez que os participantes não serão identificados; garantir a não violação e a integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras); garantir o respeito aos valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos do participante”.

No que se refere aos BENEFÍCIOS, a pesquisadora aponta que, “aos participantes que se dispuserem voluntariamente a contribuir com o estudo através das entrevistas, não se pode identificar nenhum benefício imediato. Os benefícios sociais e institucionais prevalecem sobre os individuais, como normalmente ocorre na construção do conhecimento científico”. Além disso, aponta que “as informações coletadas fornecerão subsídios para compreensão de como o IFC lida com a divisão sexual do trabalho em seus cursos, para que, a partir disso, se possa intervir para promover questionamentos das concepções quanto à profissões masculinas e femininas, buscando maior igualdade de gênero. Também espera-se contribuir para novas pesquisas a serem desenvolvidas sobre essa temática”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto atende aos aspectos teóricos e metodológicos exigidos em uma pesquisa desta natureza e também as resoluções que embasam o sistema CEP/CONEP (Resolução 510/16).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresenta todos os elementos exigidos pela Resolução 510/16.

Pendência da versão anterior:

Apresentar termo de anuência assinado pela direção do Campus Ibirama do IFC (atendido)

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo está aprovado, pois está de acordo com as prerrogativas éticas exigidas na Resolução CNS 510/16.

Considerações Finais a critério do CEP:

Recomenda-se manter o CEPESH do IFC informado, sempre que houver mudanças no protocolo, por meio de submissão para análise da Emenda de protocolo, bem como

Endereço: RUA JOAQUIM GARCIA SN - CAIXA POSTAL 2016
Bairro: CENTRO **CEP:** 88.340-055
UF: SC **Município:** CAMBORIU
Telefone: (47)2104-0882 **E-mail:** cepsh@ifc-camboriu.edu.br



Continuação do Parecer: 3.448.245

solicita-se apresentar o Relatório final (12 meses após a aprovação) - Conforme Resolução CNS 510/16.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1358125.pdf	09/07/2019 11:51:02		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	anuencia_ibirama_assinado_com_carimbo.pdf	09/07/2019 11:47:10	Carolina Fontoura Cartana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_sem_CPF_conforme_recomendacao.pdf	09/07/2019 11:45:00	Carolina Fontoura Cartana	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Carolina_Fontoura_Cartana_anexar_CEPSH.pdf	24/06/2019 13:45:14	Carolina Fontoura Cartana	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Anuencia_SaoBentodoSul_assinado.pdf	24/06/2019 13:14:27	Carolina Fontoura Cartana	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Anuencia_Luzerna_assinado.pdf	24/06/2019 12:57:10	Carolina Fontoura Cartana	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Anuencia_concordia_assinado.pdf	24/06/2019 12:56:42	Carolina Fontoura Cartana	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_assinada_todos.pdf	19/06/2019 13:57:39	Carolina Fontoura Cartana	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMBORIU, 10 de Julho de 2019

Assinado por:
Isadora Balsini Lucio
(Coordenador(a))

Endereço: RUA JOAQUIM GARCIA SN - CAIXA POSTAL 2016
Bairro: CENTRO **CEP:** 88.340-055
UF: SC **Município:** CAMBORIU
Telefone: (47)2104-0882 **E-mail:** cepsh@ifc-camboriu.edu.br